VANGA E A RÚSSIA

V. M. Sidorov

Translaçed by

Amadeu António

VANGA E A RÚSSIA

V. M. Sidorov

Esta obra foi anteriormente publicada sob o título «Ludmila e Vangelia»

Sidorov V. M. Vanga. Rússia. 2010, 2012, 2019, 2039 / V. M. Sidorov. — M.: Eksmo, 2009. — 128 p. — (Biblioteca de magia e mistérios). ISBN 978-5-699-38908-7

Esta obra baseia-se nas conversas do escritor V. M. Sidorov com a famosa profetisa búlgara Vanga. Ainda nos longínquos tempos soviéticos, Vanga predisse ao escritor o futuro do nosso país, e muitas das coisas que ela previu na altura já se cumpriram!

Eventos ainda mais interessantes, a julgar pelas suas predições, realizar-se-ão no nosso país num futuro próximo. Além do futuro da Rússia, Vanga falou também ao escritor sobre o futuro de todo o mundo. Haverá o Apocalipse? Em que consistirá? Ocorrerá a Terceira Guerra Mundial? O que ajudará as pessoas a sobreviver aos tempos difíceis das futuras mudanças naturais e sociais? O leitor conhecerá nesta obra uma multitude de predições e conselhos interessantíssimos da grande vidente.

UDC 133.3 BBK 86.42

© Sidorov V. M., texto, 2009 © «Editora Eksmo», 2009

Diante dos fenómenos, como é sabido, o intelecto humano rende-se. Por vezes, parece que eles são dados especialmente para humilhar o nosso orgulho desmedido. Graças a Deus que a ciência contemporânea finalmente deixou de os ignorar e não só não questiona a existência dos fenómenos, como até tenta classificá-los, inventando para isso termos adequados: telepatia, telecinesia, levitação. Mas, para realmente aproximar-se da decifração da natureza dos fenómenos, é preciso, evidentemente, reconhecer a ideia simples de que eles apenas designam um certo mistério, mas não são eles próprios o mistério. Pois o mistério é o espírito, que afirma a sua existência no mundo das formas materiais densas. Os fenómenos podem acompanhar o espírito, mas também podem não o fazer. Na maior parte das vezes, nem o acompanham. Assim, sublinha-se como que de propósito que a essência da questão não está neles, mas em algo diferente, mais importante, mais significativo.

Nos Evangelhos, encontra-se a descrição de milagres impressionantes realizados por Jesus Cristo. Mas Jesus — como testemunham os mesmos Evangelhos — realizava-os com extrema relutância, apenas cedendo à pressão das circunstâncias externas. Muitos milagres, Ele ordenou que fossem guardados em segredo absoluto. Não estão registados nos livros sagrados, para que, à semelhança de fogos de Bengala, não distraíssem a atenção do ser humano do principal: do brilho espiritual das verdades trazidas à terra por Cristo.

A aspiração pelo fenomenal, como se depreende dos Evangelhos, não só não é encorajada, como é condenada. É instrutivo, nesse sentido, o episódio com o futuro apóstolo Tomé. Após a ressurreição, Jesus apareceu em corpo físico perante os seus discípulos numa altura em que Tomé estava ausente. Pareceria que ele devia acreditar no testemunho dos seus amigos mais próximos. Nada disso. Tomé declarou categoricamente: «Se não vir nas mãos Dele as marcas dos pregos, e não meter o meu dedo nas marcas dos pregos, e não meter a minha mão no lado Dele, não acreditarei». Como se sabe, Jesus deu-lhe a possibilidade de verificar diretamente o milagre da ressurreição. Tomé

meteu as mãos nas feridas abertas Dele. Mas uma nota de arrependimento e censura ressoa nas palavras de Jesus dirigidas ao seu discípulo, que, infelizmente, precisou de provas fisicamente palpáveis da imortalidade espiritual: «Tu acreditaste porque Me viste; bem-aventurados os que não viram e creram».

Dizem que não foi por acaso que Tomé, a quem a tradição popular chamaria de incrédulo, foi enviado para cumprir a sua missão apostólica na Índia. Foi precisamente aqui, onde iogues de diferentes graus demonstram milagres que não se submetem a explicações naturais, que ele devia convencer-se do caráter secundário de quaisquer fenómenos em comparação com a manifestação do espírito enquanto tal. Os fenómenos, quaisquer que sejam, podem desempenhar apenas um papel auxiliar na formação do reino interior do ser humano (e isso apenas se se reunirem condições particularmente favoráveis). Em si mesmos, nada significam.

Foi por isso que não me surpreendeu de todo a atitude reservada, rigorosa e por vezes até negativa de Sviatoslav Nikolaevitch Roerich em relação aos chamados milagres. Devido a certas circunstâncias, Sviatoslav Nikolaevitch teve de ser testemunha de fenómenos extraordinários. Estava bem familiarizado com muitos iogues e taumaturgos, como, por exemplo, o famoso no passado recente Yogananda ou o extremamente famoso nos nossos dias Sai Baba. Sviatoslav Nikolaevitch falava deles com benevolência, mas nos seus relatos sentia-se um certo tom de leve ironia.

O nome de Sai Baba — na altura da minha primeira viagem à Índia — já era amplamente conhecido em todo o mundo. Conheciam-no como vidente, como curador espiritual que curava as pessoas com o toque das suas mãos. Mas, talvez mais do que tudo, ficou famoso por realizar milagres abertamente e perante o povo. Gostava de oferecer aos interlocutores objetos que extraía do nada, do vazio. Podia ser uma fotografia com a sua própria imagem; podiam ser um relógio, uma pulseira ou um anel, por vezes de metal precioso e com pedra preciosa. Fazia passes com as mãos, e diante dele crescia um monte de cinza sagrada, à qual se atribuem propriedades curativas.

Sobre Sai Baba escreviam-se livros, faziam-se filmes. Uns admiravam-no, outros negavam-no, mas ninguém ficava indiferente perante ele. Aliás, assim continua até hoje.

A iniciativa do encontro com Sai Baba pertenceu à esposa de Sviatoslav Roerich, Devika Rani. Acontece que ela adoecera. Começara a perder a audição. Os médicos revelaram-se impotentes para combater a surdez progressiva. Foi então que decidiu recorrer a Sai Baba. Vestiu-se de forma mais simples — trocou o sari de seda por um de algodão — para não se destacar. Misturou-se com a multidão, sentou-se no chão com os outros, à espera da chegada de Sai Baba. Mas, segundo palavras de Devika Rani, assim que ele apareceu, imediatamente a notou. Aproximou-se. Sentou-se ao lado dela. Perguntou: «Para que vieste ter comigo, pobre faquir, quando em tua casa há uma luz tão grande?» Devika explicou. «Isso não é cármico em ti — disse-lhe ele. — Vou ajudar.»

Aqui é preciso fazer uma pequena digressão. Ao contrário dos nossos sensitivos domésticos, os indianos — naturalmente, aqueles que atingiram um nível suficientemente elevado de vidência — dividem as doenças em duas categorias. A primeira — cármicas, ou seja, ligadas aos pecados e erros de vidas passadas, pelos quais, quer se queira ou não, um dia há que pagar. (Como se sabe, a tradição espiritual-religiosa indiana baseia-se no postulado inabalável da transmigração das almas humanas.) Uma doença de caráter cármico o sensitivo indiano nunca se comprometerá a tratar. Recusará terminantemente. Além disso, a sua fama como curador não sofrerá o mínimo abalo. E a pessoa vai-se embora sem ser curada, mas de certa forma consolada com a ideia de que sofre não em vão, mas em nome da purificação do seu «eu» espiritual.

A segunda categoria de doenças — adquiridas nesta vida em resultado de imprudência, acidente ou conjuntura imprevista de circunstâncias. Considera-se que elas se prestam a uma influência espiritual-psíquica adequada.

Como a doença de Devika Rani foi classificada na segunda categoria, Sai Baba comprometeu-se a ajudá-la. E a ajudar imediatamente, sem

adiar um só instante. Impôs as mãos nas conchas das suas orelhas, e a audição foi restaurada. Desde então, ela tem — e eu posso testemunhá-lo — uma audição fina como a de uma criança.

Naturalmente, Devika ficou profundamente grata. Ao despedir-se, pediu-lhe que visitasse a sua casa assim que surgisse oportunidade. Sai Baba prometeu fazê-lo.

E cumpriu a promessa. Mas veio sem avisar previamente e não veio sozinho, mas com um grande grupo dos seus admiradores. Devika, em desespero, correu pela casa, sem saber com que nem como receber tanta gente. Sai Baba notou a sua aflição, sorriu, pediu que não se preocupasse. Alguns passes com as mãos, e eis que diante de cada um dos presentes surge uma porção de arroz temperado com especiarias picantes e bem enrolado numa folha de bananeira.

— Provei o arroz — disse Sviatoslav Nikolaevitch. — E o que é notável: estava quente, como se o tivessem acabado de trazer da cozinha.

Mas o final desta conversa foi algo inesperado. Pedi a Sviatoslav Nikolaevitch que me apresentasse a Sai Baba pessoalmente ou à distância. Seguiu-se uma recusa clara e decidida.

— Se outra pessoa o fizer — por favor. Mas não eu.

— Mas porquê? — surpreendi-me. — O senhor mesmo não quer encontrar-se com ele?

— Não — respondeu Sviatoslav Nikolaevitch.

E acrescentou: — Ele não me interessa.

Os meus caminhos cruzaram-se com sensitivos numa altura em que a sensitividade não era bem vista, quando sobre ela pairava o mais rigoroso tabu. Mas não se formaram relações especiais com eles. Talvez porque os sensitivos (pelo menos a maioria daqueles com quem me deparei) estavam infetados com o vírus de uma orgulhosa presunção ingênua. Na verdade, apenas uma parte do mistério, uma pequena parte do mistério, se lhes abrira, e eles já se imaginavam donos — e por vezes donos monopolistas — de todo o mistério.

E, via de regra, não compreendiam o principal: que o dom que neles se revelara impõe as mais elevadas obrigações morais, que devem fazer tudo, literalmente tudo, para serem dignos desse dom. Pois, para que a energia psíquica cure e não mutile as pessoas, são necessários um coração exclusivamente puro e mãos exclusivamente puras. Em última análise, o dom pode ser visto como um adiantamento enviado do alto. Mas o que é recebido de graça deve ser dado de graça. Esta é a condição indispensável da cura espiritual.

Estou longe de negar as capacidades psíquicas, por vezes capacidades extraordinárias, daqueles sensitivos com quem a vida me cruzou. Alguns deles são hoje amplamente conhecidos e populares. Mas a nenhum deles confiaria a minha saúde nem a dos meus entes queridos e nunca me orientaria incondicionalmente pela sua informação astral. E apenas uma sensitiva — mas neste caso uso este termo comum de forma bastante condicional — não suscitou em mim a mínima sombra de dúvida. Trata-se da vidente búlgara, que na pátria e em todo o mundo chamam «baba Vanga». O seu nome completo é Vangelia, que em grego significa «portadora de boas novas».

Sobre Vanga eu li algumas coisas, mas ouvi falar muito mais. Sabia que, na infância, em consequência de um acidente — que ocorreu durante uma terrível tempestade, no epicentro da qual ela se encontrou —, Vanga perdeu a visão. Sabia também que a perda da visão foi depois, de certo modo, compensada pela abertura da visão interior. Uma súbita iluminação visitou-a e à sua perceção tornou-se acessível às mais recônditas verdades do passado, do presente e do futuro. A fama da profetisa Vanga espalhou-se por toda a parte. Em Petrich, onde ela vivia — e a cidade, aliás, fica perto do antigo templo grego dos oráculos de Delfos —, começou a afluir uma enorme quantidade de pessoas. As autoridades, como puderam, tentaram impedir esse afluxo. Mas depois tomaram uma decisão mais sensata. Para ordenar a fila, colocaram um polícia à porta da casa de Vanga. E não esqueceram os interesses do erário público: estabeleceram uma taxa para a visita à «vidente».

Alguns dos meus conhecidos já tinham estado com ela. Contavam histórias verdadeiramente fantásticas sobre Vanga. Mas, como dizem os

chineses, vale mais ver uma vez do que ouvir cem. Tal oportunidade — encontrar-me com Vanga — apresentou-se-me em julho de 1979.

Devo dizer que os nossos encontros com a baba Vanga tiveram um carácter especial, estritamente confidencial. Em primeiro lugar, não se realizaram em Petrich — nunca consegui ir a essa cidade —, mas em Sófia, onde Vanga vinha especialmente, interrompendo a receção da interminável fila de pessoas. Conversávamos com a baba Vanga como que em condições de certa conspiração, completamente isolados do mundo exterior. Ninguém nos interrompia. Nada limitava o nosso tempo.

Em segundo lugar, participante indispensável das nossas conversas era Liudmila Jivkova, que assumiu as funções de intérprete. Sim, sim, exatamente ela. Filha de Todor Jivkov. Presidente do Comité da Cultura, ou seja, ministra da Cultura do país. Membro do Politburo do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro. Naturalmente, isto era bem conhecido por muitos. Mas poucos sabiam na altura que Liudmila Jivkova era seguidora da Doutrina Espiritual da Agni Ioga e considerava a sua principal tarefa afirmar os princípios dessa Doutrina na vida.

Segundo as palavras de Liudmila Jivkova, tudo começou — e aqui pode-se ver certa analogia com a baba Vanga — com um acidente. Ela sofreu um acidente de viação. Primeiro, a morte ameaçou-a; depois, a perda da visão. Ao recuperar a consciência, descobriu que o mundo à sua volta se apresentava invertido. Os esforços dos médicos — e, naturalmente, foi tratada pelos melhores médicos — não deram resultado. Então Liudmila dedicou-se ao tratamento dela própria.

Com a ajuda de exercícios ióguicos especialmente concebidos para os olhos, recuperou a visão normal. É verdade que isso levou vários meses e exigiu uma colossal concentração de vontade e paciência. Mas foram dias não só de ressurreição física. Foram também dias de ressurreição espiritual. Da crise que a deixou entre a vida e a morte, Liudmila saiu transformada.

A partir de então, a mais rigorosa disciplina interior — em algo semelhante à disciplina militar — determinava inteiramente o seu estilo

de vida. Ao encontrar Liudmila Jivkova em receções oficiais, elegantemente vestida, exalando perfume parisiense, dificilmente alguém suspeitaria das regras ascéticas a que a sua vida estava subordinada. Ninguém, exceto os mais próximos, sabia o regime severo a que ela se sujeitara. Dieta vegetariana, leite fervido. Dias obrigatórios alternados em que a alimentação era completamente excluída. Tal regime é um teste para quem vive em solidão e, assim, mais ou menos desligado dos estímulos externos. Mas, naturalmente, é um teste duplo para quem, por necessidade, deve estar no meio da abundância de comida, no coração dos acontecimentos, no foco atento dos meios de comunicação social…

Liudmila considerava que, após o abalo físico e o abalo interior que o acompanhou, se abriram nela os centros invisíveis que na Índia se chamam chakras. Mas tinha plena consciência de que a abertura dos centros era apenas metade da tarefa; a outra metade — não menos, e talvez até mais importante — era a purificação desses centros. Das fontes espirituais esotéricas que Liudmila estudou a fundo, ela não podia ignorar o perigo que representava esse trabalho. Em essência, era lidar com o fogo, que a qualquer momento pode tornar-se incontrolável e até mortal. Mas Liudmila estava fatalmente confiante nas suas forças. Lembro-me de ela me dizer: «Nasceu sob o signo de Leão. E o meu signo é o fogo. Por isso pode-se dizer que o fogo é o meu elemento natal».

Naturalmente, Liudmila Jivkova considerava seu dever usar todas as possibilidades que lhe davam a sua posição e os altos cargos para realizar a sua supertarefa espiritual. Contudo, essas possibilidades não eram ilimitadas. As imposições dogmáticas restringiam qualquer iniciativa, e até ela tinha de agir com alguma cautela (infelizmente, nem sempre o conseguia) e passo a passo. Liudmila acreditava — e acreditava, muito provavelmente, com toda a razão — que o programa cultural, se lhe fosse dado o adequado preenchimento espiritual, tinha boas hipóteses de se tornar a alavanca de Arquimedes capaz de virar a consciência das pessoas.

E ela desenvolveu tal programa — para a época extremamente ousado e único. A essência do experimento consistia no seguinte: a partir de então e até ao fim do século, a vida cultural da Bulgária devia decorrer sob o signo de um ou outro grande nome. Todo o país — dos mais novos aos mais velhos — era como que convidado a frequentar cursos anuais de estudo aprofundado da vida, da obra e da atividade de determinada figura histórica destacada. A escolha dos nomes para este programa de longo prazo não foi aleatória, mas cuidadosamente pensada. 1978 foi declarado o Ano de Roerich. 1979 — o Ano de Leonardo da Vinci. 1980 — o Ano de Lenine.

Claro que já era um desafio o facto de a lista começar por Roerich. Pois, do ponto de vista oficial, Roerich era uma candidatura duvidosa, por ter uma sólida reputação de idealista e místico. É verdade que a situação foi um pouco facilitada por uma circunstância: na União Soviética — e na Bulgária, na altura, tudo se fazia com um olho no nosso país — fora recentemente celebrado com grande pompa o centenário do artista. No final, a referência a esse precedente afastou as objeções dos opositores e decidiu favoravelmente a questão.

Por canais oficiais, foram feitos pedidos a museus da União Soviética e dos Estados Unidos, e como resultado chegaram a Sófia pinturas de Nikolai e Sviatoslav Roerich. Realizou-se a solene inauguração da sua exposição conjunta. Por convite do governo, Sviatoslav Nikolaevitch Roerich veio à Bulgária. Foi eleito académico honorário da Academia Nacional de Belas-Artes, o que, pouco depois, obrigou também a nossa academia a tomar medida idêntica. Até então, os académicos soviéticos, intransigentes defensores dos princípios do realismo socialista, não suportavam Sviatoslav Roerich (nem o seu pai). Mas depois da Bulgária e das instruções recebidas de cima, tiveram de rever a sua opinião.

E na Bulgária procedeu-se a uma edição massiva de Roerich: duplicaram-se publicações soviéticas dos seus livros, lançaram-se álbuns com reproduções suas, monografias sobre a sua obra. Televisão, rádio, imprensa — tudo foi mobilizado para a grande ação chamada Ano de Roerich. Não é de admirar que, num espaço de tempo relativamente

curto, o país descobrisse um artista até então completamente desconhecido.

Os resultados do Ano de Roerich, embora nem tudo tenha corrido perfeitamente e tenham surgido complicações, foram encorajadores. Liudmila Jivkova comentava-os da seguinte forma:

— O campo informativo das pessoas alargou-se significativamente. As sementes espirituais do futuro foram semeadas e, um dia, hão de germinar. Elas germinarão.

Não participei nos eventos oficiais do Ano de Roerich na Bulgária. O convite foi-me enviado, mas não chegou às minhas mãos. Esse tipo de convites era então cuidadosamente filtrado e censurado por alguém.

Mas aconteceu que, no outono de 1978, fui à Bulgária de férias. Foi lá que me encontraram os emissários de Liudmila Jivkova — precisamente na véspera do meu regresso a Moscovo. E eis-me no edifício do Comité da Cultura, no gabinete dela.

Liudmila Jivkova revelou-se uma mulher esguia, com uma figura atlética. Cabelo preso num coque apertado. Testa alta. Quando tirou os óculos — e fazia-o constantemente para descansar os olhos ou limpar as lentes —, pareceu-me ver no seu rosto algo de oriental, provavelmente japonês.

Liudmila surpreendeu-me pela sua franqueza e abertura. Logo — mal tivemos tempo de nos conhecer —, começou a referir-se à Doutrina, na época meio proibida e conspirativa, da Agni Ioga. «Como sabe dos livros da Doutrina; como nos recomenda a nossa Doutrina». Era como um sinal que me convidava a igual franqueza.

Notei que Liudmila me observava, sorrindo ligeiramente.

— Sabe — disse ela —, disseram-me que o senhor tem uma grande barba branca e que vive no Tian Shan.

— Como vê — respondi —, tenho de a desiludir. Não uso barba e vivo não nas montanhas, mas em Moscovo.

— Tanto melhor — concluiu ela. — Significa que teremos mais possibilidades para os nossos contactos e o nosso trabalho conjunto.

Mas os contornos do nosso trabalho conjunto não se definiram imediatamente, mas meio ano depois, quando Liudmila Jivkova veio a Moscovo numa visita oficial. Ligou-me por telefone e, quebrando o habitual curso das reuniões protocolares planeadas, dirigiu-se a minha casa. A nossa conversa durou meia tarde inteira — o carro «Chaika» com o motorista e o segurança esperou pacientemente em baixo à porta —, e posso dizer que, depois dessa conversa, já não havia segredos entre nós.

Liudmila trouxe consigo alguns dos seus livros, editados pela «Sofia-Press» em tiragem muito limitada, puramente simbólica, em língua russa. Bastou um olhar rápido para me convencer da força explosiva que continham. Afinal, em certos trechos, era a mesma Agni Ioga, apenas ligeiramente camuflada com terminologia científica moderna. A ideia de publicar rapidamente um pequeno livro de Liudmila Jivkova surgiu-me ali mesmo. Estranhamente, existia uma possibilidade real para isso. Entre os simpatizantes das ideias de Roerich e os que, na medida das suas forças, ajudavam a divulgá-las, contava-se o diretor da revista «Ogoniok», Anatoli Vladimirovitch Sofronov.

E como suplemento semanal da revista saíam brochuras poéticas e em prosa, com o prestigiado selo: «Biblioteca Ogoniok». Editora «Pravda». Não duvidava que Anatoli Vladimirovitch atenderia ao meu pedido. E, de facto, não só aprovou a minha iniciativa como me enviou à Bulgária para preparar e editar o texto do futuro livro de Liudmila Jivkova. Alguns meses depois, esse livro, intitulado «Pelas Leis da Beleza», apareceu nas bancas. A sua tiragem de cem mil exemplares esgotou-se instantaneamente.

Quando cheguei à Bulgária, estava em pleno andamento a preparação da Assembleia Internacional Infantil. A Bandeira da Paz de Roerich — passado, presente e futuro unidos no círculo eterno da Eternidade — como que abençoava essa Assembleia. Deu-lhe o nome e o lema: Unidade. Criatividade. Beleza.

Segundo o projeto de Liudmila Jivkova — que era presidente do comité organizador —, a Assembleia Infantil «Bandeira da Paz» devia marcar uma espécie de irrupção no futuro. No festival na Bulgária deviam encontrar-se uns com os outros, para depois se reconhecerem mutuamente, os criadores do século XXI: jovens pintores, poetas, compositores, cantores, artistas.

O apelo de Liudmila Jivkova teve grande eco. Desenhos infantis chegaram de todos os cantos do mundo. Alguns foram feitos em folhas arrancadas de cadernos escolares comuns, mas havia também gravuras, águas-fortes e pequenas telas executadas com nível profissional.

— Esperamos — diziam-me —, que com o tempo estas coleções deem origem a uma espécie de Louvre do desenho infantil.

Mostravam-me também amostras de prosa (principalmente contos). Mostravam poemas, em geral curtos, mas muito expressivos.

Vivia um hamster. Era um gordinho.

Especialmente para os participantes do festival, foram editados livros bastante volumosos com reproduções de desenhos infantis e com textos de poemas e canções compostos por adolescentes e crianças pequenas. Hoje guardo-os como uma raridade bibliográfica.

Durante dez dias de agosto de 1979, Sófia, com as suas salas de exposições, teatros e estúdios de televisão, foi entregue ao poder absoluto da república infantil mundial. Foi um festival invulgar. Invulgar foi o princípio que esteve na sua base: nenhum concurso, nenhuma luta por lugares premiados. Assim, expulsa-se de antemão o espírito de rivalidade e de agitação. Não devia haver nada que pudesse, mesmo que minimamente, ferir a alma tão facilmente vulnerável da criança. Apenas a alegria do reconhecimento mútuo, apenas a participação em jogos e carnavais.

Para os que estavam dispostos a algo mais sério, estavam previstos outros eventos. Reuniu-se o parlamento infantil, onde se pronunciaram discursos nada infantis. Aprovou-se uma declaração dirigida à população adulta da Terra.

«Acreditamos que a pomba feita de uma folha de caderno escolar pode voar mais longe do que uma nave espacial. Estamos convencidos de que o sol desenhado por nós pode iluminar todo o planeta… Talvez aquilo que os adultos não podem nem sabem seja alcançável para o nosso mundo jovem».

O ponto culminante das festividades foi a inauguração do monumento «Bandeira da Paz». Este monumento era único no seu género, nem que fosse pelo facto de ser sonoro. Na base circular do obelisco estavam colocados sinos de diferentes países do mundo (incluindo da União Soviética; no nosso país ateu, foi necessário um esforço especial para fundir um sino — afinal, há muitos e muitos anos que ninguém o fazia). Podia aproximar-se deles e experimentar o seu som.

Na parte superior do obelisco balançavam sete grandes sinos. Liudmila não escondia (pelo menos de mim) que eles simbolizavam os sete principais princípios espirituais que os Mahatmas e os Mestres estão chamados a afirmar na nossa vida. Nisso, dizia ela, residia o significado oculto do monumento, que, na verdade, não era um monumento, mas uma estela dirigida ao Cosmos.

O discurso de Liudmila Jivkova dirigido aos participantes da Assembleia («Queridas crianças, criadores do Novo Mundo») foi, como nunca, provocadoramente franco. Esqueceu-se o mínimo de cautela tão necessário num cerimonial público. Eis o que ela disse:

«Heróis audazes, lembrem-se das leis da verdade; jovens construtores, lembrem-se: não é a beleza, mas o sentimento da beleza que vos abrirá a porta para o futuro… Que o som dos sinos seja puro.

Cada dia, cada hora, cada instante, a vossa fraternidade, unidade e solidariedade barram o caminho à guerra. Intransigentes, audazes, revestidos do feito heroico, digam NÃO à anti-humanidade, às destruições, à injustiça. Destruam o fardo do egoísmo, da ignorância, do medo. Enfrentem com beleza e dignidade as infinitas ondas da vida. Que o vosso passo seja invencível, o espírito indestrutível…

Criadores do Novo Mundo, sem medo escrevam a palavra CRIADOR em maiúsculas, guardem puras as palavras sagradas UNIDADE, CRIATIVIDADE, BELEZA.

Hoje sois milhares, amanhã milhões seguirão a Bandeira da Paz».

Uma atmosfera festiva extraordinária reinava nesses dias na Bulgária. Afinal, o que lá acontecia ultrapassava os limites dos eventos tradicionais habituais e elevava-se acima do quotidiano. Mas para ninguém era segredo: o invulgar que ali se realizava devia-se inteiramente a Liudmila Jivkova e à sua influência sobre o pai. E o pai dela, como se sabe, determinava na altura plenamente a política do país.

Pela primeira vez, por assim dizer, desde a sua criação, o Estado não destinava migalhas miseráveis que sobravam do orçamento principal, mas investia meios sólidos na esfera da cultura, e especificamente da cultura espiritual.

As perspetivas abriam-se amplíssimas. Elaboravam-se planos verdadeiramente de escala planetária. Cientistas búlgaros estiveram no vale de Kulu e trouxeram um conceito concreto de restauro do instituto himalaio dos Roerich «Urusvati», com estimativa dos custos necessários, e esse conceito foi aprovado pelo governo. Estava em fase de realização o projeto de criação em Sófia de um Centro Internacional Roerich (para esses fins já fora destinado o edifício adequado). Estabeleceram-se contactos diretos com o ashram de Pondicherry e Auroville na Índia e começou a preparação para uma ampla edição das obras de Aurobindo Ghosh (que, tal como Roerich no seu tempo, estava sob proibição não oficial).

Um pequeno país ousava ambicionar o grande. Em certos aspetos, ia à frente de todos, incluindo a União Soviética, no seguimento da qual, aparentemente, devia obedientemente navegar. «Estás a transformar a Bulgária num posto avançado da Grande Fraternidade Branca», disse eu um dia a Liudmila. «Mesmo que fique apenas como tentativa, isso nunca será esquecido».

Sob a impressão do que vi, escrevi poemas dedicados a Liudmila Jivkova. Escrevi-os no avião, quando voava mais uma vez para Sófia pelos nossos assuntos comuns.

Lemos algo do mais importante.
Nas tábuas estelares.
No instante decisivo da viragem.
Viemos juntos à Terra.
Decisivo. E sem dúvida
Estamos na fronteira de fogo,
Se já distinguimos
Os longínquos chamamentos do Universo.
E até a lira comum
Oferece uma afinação invulgar.
E o sino da Mãe do Mundo
Ressoa sobre a santa Sófia.

No entanto, as iniciativas de Liudmila Jivkova, sendo extraordinárias e globais, encontravam não só simpatia, não só apoio. Encontravam também resistência: mais raramente aberta, mais frequentemente surda, silenciosa, obstinada. Pois para pessoas de mentalidade estereotipada, as reformas espirituais de Liudmila Jivkova pareciam uma subversão das próprias bases do universo marxista-leninista. Além disso, essas reformas afastavam alguns — e entre eles havia figuras importantes — para segundo plano, ou até os privavam de cargos e privilégios invejáveis. Queixar-se? Mas a quem, se o chefe do partido e do Estado, Todor Jivkov, apoiava a posição da filha?

Restava o único caminho, do qual muitos cidadãos bem-intencionados se serviam na altura, sem ver nisso prejuízo nem para a sua dignidade nem para a do seu país. Um fluxo de descontentes dirigiu-se à embaixada soviética.

A julgar por tudo, não se coibiam nas expressões. Que fofocas e rumores não se espalhavam sobre Liudmila! Afirmava-se, por exemplo, que ela caíra completamente sob influência do Ocidente, quando, apaixonada por Roerich e Aurobindo Ghosh, se lhe devia repreender (se

é que o fazer) exatamente o contrário — que caíra sob influência do Oriente. Sem conhecer o lado oculto da sua vida, pintavam com cores vivas e indignadas a sua aspiração ao luxo, à roupa da moda, às receções, aos vinhos e comidas refinados. E, finalmente, acusavam-na de, quase com o acordo do pai, seguir uma linha de rutura com a União Soviética. Tudo isso era completo disparate. A Rússia de Roerich era para Liudmila um símbolo de fé, do qual não renegaria em circunstância alguma. E o pai era tão devoto à linha de aproximação ao nosso país que até colocava a questão da integração da Bulgária na União Soviética. Mais tarde, quando perdesse o poder, seria exatamente essa devoção incondicional à Rússia e à União Soviética que lhe seria imputada como principal culpa.

A embaixada soviética desempenhava na altura funções de uma espécie de órgão de controlo. Aqui não só recebiam os queixosos, como os consolavam, davam-lhes esperança, prometiam ajuda. Depois, a informação devidamente processada era enviada para Moscovo, e dali exercia-se uma pressão camuflada, e por vezes descarada, sobre a direção búlgara. Naturalmente, isso gerava atritos mútuos, ofensas, choques. Chegou ao ponto de Chernenko vir especialmente a Sófia para aliviar a tensão entre o governo búlgaro e a embaixada soviética. (Soube disso pela própria Liudmila.) Apparatchik experiente, suavizou a atmosfera geral, mas a essência da questão não mudou, porque não mudou a atitude desconfiada e suspeita em relação a Liudmila.

Mas pergunta-se: como poderia mudar, se refletia adequadamente o estado de espírito reinante no escalão superior do poder? Lá, o aparecimento inesperado de Liudmila Jivkova na arena política da Bulgária era visto como uma espécie de catástrofe natural. Como se sabe, o entourage de Brejnev guiava-se pelo famoso lema: «De modo algum balançar o barco». E aqui estava um fator imprevisível que — se lhe dessem liberdade — não só o balançaria, mas — olhem lá! — até o viraria.

As manobras hostis podiam apenas travar ligeiramente o processo, mas não pará-lo. Influenciar Liudmila Jivkova, com a sua vontade inquebrantável, naturalmente não podiam. Ela pertencia àquela estirpe

de pessoas que, pelas suas convicções, subiriam à fogueira se necessário. Do seu destemor, pois era um estado natural da sua alma, nem sequer se apercebia, e quando eu expressava admiração pela sua coragem (por vezes imprudente), limitava-se a afastar o assunto. E uma vez disse-me:

— O senhor chama-me pessoa corajosa. Mas, se pensarmos bem, a pessoa verdadeiramente corajosa é o senhor. O senhor sim, arrisca-se realmente, porque age sozinho e não tem apoios fiáveis no plano físico da existência. Eu sou diferente. Tenho proteção. Tenho escudo. É o meu pai.

Não a contradisse, embora interiormente discordasse. A questão é que me habituaram a confiar mais na proteção invisível (que, como me parecia, eu tinha) do que na proteção materialmente palpável e visível (que, ao contrário de Liudmila Jivkova, eu não tinha).

Pode parecer estranho a alguém, mas Liudmila, rodeada de pessoas e de atenção constante, sentia agudamente a sua solidão. Sim, conseguira levantar uma onda de um movimento espiritual sem precedentes. Sim, na órbita desse movimento envolveram-se muitos: uns sinceramente, outros por dever de serviço, terceiros — acontecia também — perseguindo objetivos pessoais. (Entre parênteses, noto que na Bulgária se criou uma situação paradoxal: ali tornara-se vantajoso passar por ocultista, ostentar ocasionalmente uma citação não de Marx ou Lenine, mas de Roerich ou Blavatsky.

Naturalmente, Liudmila não era pessoa tão ingénua que não notasse os aspetos negativos do processo que começava. Meu Deus! Quantas vezes a dececionaram aqueles em quem confiava, a quem confiava. Mas — coisa espantosa! — a sua atitude benevolente para com as pessoas não mudava, e havia na sua relação com elas algo verdadeiramente maternal. «Ele afinal é uma criança completa», dizia ela, por exemplo, sobre um colaborador grisalho que se portara mal, que pela idade lhe podia ser pai.)

Pareceria que o gigantesco frente de trabalhos, desencadeado por sua iniciativa, devia absorvê-la completamente. Mas não era assim.

Como do ar, faltava-lhe aquilo sem o qual agora não concebia a sua vida — a comunicação com um círculo espiritual de pessoas. Tal círculo espiritual na Bulgária ou não existia, ou ela não conseguira encontrá-lo.

Foi por isso que, quando eu aparecia ou alguém da Índia (e de lá vinham frequentemente por convite especial dela), ela desabafava nas conversas connosco. Sabendo da sua ocupação, a princípio nem contava com tantas encontros (vimo-nos quase todos os dias, e por vezes duas ou três vezes por dia). Aos poucos habituei-me e planeava o meu tempo em conformidade. Às vezes mandavam um carro buscar-me. Às vezes Liudmila passava ela própria pelo hotel. Às vezes — já tarde da noite — eu passava por ela no edifício do Comité Central do partido, onde ela se demorava por um ou outro assunto (do Politburo fora-lhe confiado o maior setor, que incluía ciência, cultura, educação).

Em geral, ela já estava à espera junto a uma das entradas do edifício maciço com grandes janelas escuras.

Normalmente íamos para a vila de campo dos Jivkov, não longe de Sófia. Das janelas da pequena e acolhedora sala de estar — lugar tradicional das conversas — abria-se uma vista tranquilizadora, algo idílica, sobre uma colina baixa coberta de floresta, cujos declives eram percorridos lentamente por ovelhas e cabras.

V. M. Sidorov

Liudmila acendia incensos indianos. Trouxeram-nos bebidas conforme os nossos gostos: para Liudmila, leite fervido; para mim, chá forte sem açúcar. Absortos na conversa, não dávamos pelo tempo a passar e, por vezes, ficávamos até meia-noite.

Devo dizer que Liudmila Jivkova era uma esoterista convicta. Depois de ter estado para além da fronteira invisível da existência, já não a interessava o lado exterior da vida, mas o interior, o oculto. Queixava-se de que, na prática, não lhe sobrava tempo para o trabalho espiritual. Pensava muito seriamente em abandonar todos os seus cargos e a atividade pública e até partilhou os seus planos com Sviatoslav Nikolaevitch. Mas ele dissuadiu-a. Disse que encarnações como a de

Liudmila eram extremamente raras e que uma situação como a atual dela talvez só se formasse uma vez por século.

Aliás, Sviatoslav Nikolaevitch fez por Liudmila aquilo que me recusara categoricamente: levou-a a Sai Baba. Segundo as palavras dela, a conversa com Sai Baba teve um carácter bastante banal, mas, ao despedir-se, ele, como era seu costume, demonstrou um milagre: do nada criou um anel de platina com um grande topázio de cor fumada profunda. («Aqui acertou em cheio — disse Liudmila. — Pois a minha pedra é o topázio».)

Liudmila mostrou-me esse anel. Segurei-o nas mãos, observando como o topázio tingia os meus dedos de cor lilás. Mas, evidentemente, o anel possuía certas propriedades magnéticas, porque os meus dedos também começaram a emitir luz lilás. Notámos isso quando devolvi o anel a Liudmila. É verdade que o fenómeno durou pouco: dois ou três minutos, no máximo.

Pretendia conhecer Vanga. Mas, tendo em conta o estatuto oficial de Liudmila Jivkova, não a informei dos meus planos. Recorri a um velho conhecido — que frequentemente visitava Vanga e gozava da sua simpatia — pedindo-lhe que me levasse a Petrich. Ele prometeu, e comecei a preparar-me para a viagem. Mas, de alguma forma, isso chegou aos ouvidos de Liudmila. Ela perguntou-me:

— Dizem que quer encontrar-se com a vidente?

Confirmei e disse que tencionava ir a Petrich.

— Não precisa de ir — disse Liudmila.

— Porquê? — surpreendi-me.

— Depois de amanhã, na sexta-feira, a própria Vanga vem a Sófia. Se quiser, ajudo-o a encontrar-se com ela. Eu e a Vanga — acrescentou — somos grandes amigas.

Cheguei à casa — uma casa moderna típica — como combinado, por volta das cinco. Subi ao terceiro andar. A porta do apartamento estava prudentemente aberta.

Entrei na sala e vi duas mulheres vestidas de negro igual. Uma — com órbitas vazias em vez de olhos e uma expressão facial bondosa e maliciosa (adivinhava que era Vanga). A outra — a irmã dela (Liubka).

Também ali estava Liudmila Jivkova. Chegara mais cedo para informar sobre o hóspede inesperado. Mas Vanga não a deixou fazê-lo. Mal Liudmila atravessou o limiar, ouviu:

— E onde está o escritor de Moscovo? Estão à espera dele.

Vanga recebeu-me com uma exclamação ruidosa, lisonjeira para mim, mas como tinha um carácter estritamente pessoal, não a cito aqui. E logo — nem me deixara sentar — surpreendeu-me com uma pergunta estranha: vou muitas vezes a Leninegrado? Respondi que já não ia lá há muito tempo.

— Devias ir a Leninegrado — declarou Vanga —, e não menos de três ou quatro vezes por ano.

Voz seca, cortante. Forma de tratamento — não reconhece outra — o «tu». As afirmações, que formula de modo muito categórico, intercalam-se com as mais diversas perguntas. Mas se na resposta houver alguma incongruência ou imprecisão, corrige-te imediatamente com uma gargalhada. Assim, avisa de antemão: não vale a pena enganar-me ou ocultar algo; é inútil.

Que eu era escritor, Vanga já sabia, mas esclareceu o que escrevo.

— Poemas.

— E canções?

— Não.

— Devias escrever poemas — exclamou Vanga com energia —, vais escrever poemas toda a vida.

E prometeu:

— Tens muito conhecimento, e haverá ainda mais, e tu transmiti-los-ás às pessoas.

Perguntou onde trabalho nas minhas coisas: no quarto ou ao ar livre?

— Tanto um como outro.

— Melhor que trabalhes ao ar livre, num bosque, num jardim, perto de um rio. E deves estar obrigatoriamente com calçado leve.

Explicou porquê leve.

— O pesado impede o céu.

Deu uma série de recomendações (aliás, muito sensatas do ponto de vista prático e profissional). Lamento apenas que nem sempre consiga segui-las. Por exemplo, dizia:

— O teu melhor horário para trabalhar é até às dez da manhã. E deves começar em jejum. Levanta-te da secretária apenas quando sentires fome. O trabalho deve continuar — com uma pausa para o pequeno-almoço — até às doze horas, não mais. Depois disso, não vale a pena insistir nem forçar.

Por exceção, pode trabalhar-se depois das doze, mas só durante o dia; à noite — de modo algum!

(Segundo Vanga, à noite não ajudam de cima ou ajudam muito pouco, e sem essa ajuda nada de bom pode sair.)

Quanto ao manuscrito em que se trabalha, Vanga aconselhava deixá-lo aberto à noite. Para quê? Para que absorva as radiações celestes e as forças celestes. No dia seguinte, isso pode transformar-se numa sorte inesperada.

Deu-me algumas informações sobre mim mesmo.

— O teu cérebro está organizado de tal modo — disse ela — que recebe e fixa diretamente a Doutrina.

Perguntei qual Doutrina tinha em mente.

— A Doutrina da Grande Fraternidade Branca — disse Liudmila, mas encaminhou a minha pergunta para Vanga. Esta respondeu — são as

suas palavras literais — que se tratava da antiga Doutrina indiana. Impressa em novos livros, conquistará o mundo inteiro.

— Tu — aceno na minha direção —, nos teus trabalhos, afirmas essa Doutrina.

E acrescentou:

— Daqui a dois anos formar-se-á uma situação em que te será mais fácil transmitir os teus pensamentos. Daqui a dois anos começará a viragem.

E novamente sobre Leninegrado:

— Assim que surgir oportunidade — vai imediatamente a Leninegrado. Lá esperam-te não só os vivos, mas também os mortos.

Devo dizer que o carácter da nossa conversa era, para Vanga — pelo menos no início —, algo invulgar. Não seguia o guião tradicional. Eu não lhe fazia perguntas. Não me interessava pelo meu destino nem pelo dos meus entes queridos. Não estava preocupado com problemas de saúde. Por isso, coube-lhe a ela tomar a iniciativa, tatear algo, perguntar e receber respostas nem sempre compreensíveis para ela. Não é de admirar que sentisse cansaço. Interrompeu a conversa. Disse que precisava de uma pausa. Foi à cozinha para se fortalecer com leite, ficar sozinha. Liudmila sugeriu que a tínhamos apanhado desprevenida. Não estava preparada para receber as novas vibrações que chegámos connosco. Mas, se assim foi, adaptou-se rapidamente. Passados cinco ou seis minutos, Vanga voltou descansada, revigorada, e não mostrou mais sinais de fadiga.

Ao despedir-se, declarou, como sempre firme e categórica:

— Que esta pessoa venha o mais frequentemente possível. Quero falar com ele.

Confesso: formara-se em mim uma hipótese que, parecia-me, dava a chave para decifrar o fenómeno chamado Vanga. A sua essência consistia no seguinte. O subconsciente de cada pessoa contém informação abrangente sobre a vida em geral e os mais ínfimos detalhes da sua própria vida. Na maior parte das vezes, nem suspeitamos dela,

pois não se mantém à superfície da consciência. Mas existem pessoas com capacidades (Vanga é uma delas) de «ler» essa informação. Naturalmente, é um milagre, mas um milagre compreensível e, em certa medida, explicável.

Por isso não me surpreendia quando Vanga mencionava nomes dos meus familiares, adivinhava com efeito certos episódios do passado, era precisa — isso sempre impressiona a imaginação — nos mais insignificantes detalhes: dizia, por exemplo, que eu morava no sexto andar (o que corresponde à realidade); descrevia a doença da mãe — depósitos de sais nas pernas — e recomendava métodos de tratamento bastante não tradicionais, antecipando a pergunta que eu tencionava fazer, mas não cheguei a fazer.

O momento de surpresa veio mais tarde, quando a minha conceção lógica e coerente se dissipou como fumo.

Foi assim que aconteceu.

Vanga pergunta:

— E onde vivem os teus pais? Onde estão agora?

Respondo: vivem em Voronej, e estão lá agora.

Por alguns instantes, Vanga desliga-se da conversa e de repente exclama com decisão e convicção:

— Não, não. Agora não estão em Voronej, estão contigo, em Moscovo.

No dia seguinte, não fui preguiçoso: liguei para casa. E eis que a mãe atende o telefone. Por algum motivo, ela e o pai tinham vindo inesperadamente a Moscovo. A viagem não estava planeada, eu nada sabia dela e, por isso, não tinha qualquer informação sobre isso nem na consciência nem no subconsciente.

Voltei a encontrar-me com Vanga vários meses depois. Foi em dezembro de 1979. Liudmila apresentou-me novamente. Mas Vanga confessou honestamente que eu lhe saíra completamente da memória. Perguntou outra vez pela minha profissão. Onde vivo? «Em Moscovo». E

novamente, como se recuperasse na memória algo muito importante — o mesmo que da última vez: vou muitas vezes a Leninegrado?

Explicou por que insistia tanto na mesma pergunta.

— Lá morreram muitos. As almas deles rezam e criam um espaço purificado, e nesse espaço purificado manifestar-se-ão espíritos eminentes. Do ponto de vista espiritual — disse Vanga —, Leninegrado está hoje acima de Moscovo.

Pergunta inesperada para mim:

— Por que mudaram o nome da cidade?

Depois de ouvir a explicação, diz:

— Mudança merecida. O czar Pedro alegra-se com esta mudança.

Desta vez, os seus conselhos assumem quase a forma de ordens. Frases curtas, secas, cortantes.

— Nunca e nada deves temer. Em circunstância alguma deves ceder ao desânimo. Sobre ti há proteção e protetor. Nenhuma superstição ou preconceito deve estar no teu caminho. Vai em frente. Levanta-te cedo de manhã. Escreve. Antes do trabalho e durante o trabalho lava as mãos e o rosto com água fria. O teu dia é a terça-feira. Nesse dia tudo te correrá bem, se aplicares esforço, se expulsares as dúvidas.

E no final, perguntou longamente pela mulher.

— Como se chama?

— Larissa.

Vanga aprovou esse nome. Como se sabe, em grego significa «gaivota», mas Vanga deu-lhe uma interpretação completamente diferente.

— Lara — disse ela — é o nome de uma flor bonita que vive na água. É exatamente como o lótus. Ela ajudar-te-á muito a ti e à Doutrina.

Perguntou severamente por que não viera comigo. Respondi que era bastante complicado.

— Que venha. Dir-lhe-ei algumas palavras, e ela compreenderá tudo.

Essas palavras foram depois ditas — quando conseguimos organizar a nossa viagem conjunta. A sua essência era que Larissa, num passado distante, fora búlgara. Fora mulher de um chefe.

E como essa encarnação é muito significativa, ela deve visitar periodicamente a Bulgária.

— O teu caminho para cima — dizia Vanga, dirigindo-se a Larissa — passa pela Bulgária. Aqui, como em nenhum outro lugar, te será fácil receber os sons e as palavras que vêm do céu.

Como regra, encontrávamo-nos com Vanga na vila de campo de Liudmila Jivkova. Mas uma vez os nossos caminhos cruzaram-se no antigo palácio real nos arredores de Sófia. As sombras do passado rodearam imediatamente Vanga, e com uma gargalhada começou a descrever o que surgia perante a sua visão interior: uma mão com um anel a bater na janela, um coro cigano, ciganas a dançar, o alto e moreno irmão do czar Kiril, um perdulário ocioso, segundo palavras de Liudmila (a ele pertencia esse palácio). Numa das conversas, Vanga permitiu que gravássemos em magnetofone. Depois passámos quase um dia inteiro a mexer no aparelho, a transcrever a fita.

Naturalmente, eu esforçava-me — já que se formara uma situação tão favorável — por penetrar o mais atentamente possível na mecânica secreta do processo de clariaudiência e clarividência. Não era difícil notar, por exemplo, que para Vanga o passado, o presente e o futuro existiam como que simultaneamente. Mas notei também outra coisa: por vezes, ela tinha dificuldade em traçar a linha divisória entre eles. Uma vez, a conversa recaiu sobre o instituto onde eu trabalho. É a antiga casa de Herzen no Bulevar Tverskoi. Vanga diz: «Vejo ao lado dele um mosteiro». Mas não há nenhum mosteiro na zona. Parece que Vanga se enganou. No entanto, lembro-me: antes da revolução, ao lado do instituto situava-se realmente o Mosteiro Strastnoi. No poder soviético, demoliram-no. Significa — pelo menos foi a conclusão que tirei — que ocorreu uma certa aberração da visão interior, na qual os contornos do passado se inseriram no panorama do presente.

Às vezes, Vanga propunha enigmas e era preciso quebrar a cabeça para perceber o que motivara um ou outro volte-face caprichoso dos seus pensamentos. Lembro-me do mal-entendido que marcou o encontro da minha mulher com Vanga. De repente, do nada, a baba Vanga começou a dizer algo que, aparentemente, nada tinha a ver com ela.

— Vejo aquele que está na Índia. Vejo uma mulher com cabelos pretos e uma flor vermelha no cabelo.

A princípio, pensámos que ela confundira algo. Liudmila disse, referindo-se a Larissa:

— Ela não veio da Índia; veio da União Soviética.

Mas Vanga continuou no seu:

— Vieram muitos espíritos da Índia. E a mulher não é branca, mas bonita, e tem sempre uma flor no cabelo.

Não sei quanto tempo duraria o nosso perplexidade se eu não me lembrasse: sobre os ombros de Larissa estava uma xale de produção artesanal que eu trouxera do vale de Kulu — um presente de Sviatoslav Nikolaevitch Roerich. Evidentemente, «ativou-se» o campo informativo do xale himalaio e perante Vanga reviveram as imagens de Sviatoslav Nikolaevitch e de Devika Rani. E é preciso dizer que um componente invariável do penteado de Devika Rani era um cravo vermelho ou outra flor viva.

A minha suposição revelou-se correta. Vanga acenou com a cabeça quando mencionei o nome de Sviatoslav Roerich. E concluiu:

— Os espíritos dizem que a mulher deve usar flor no cabelo não só na Índia, mas também quando vierem até nós ou a outro país. Isso é muito importante para ela.

Quantas vezes me convenci de que para Vanga não existiam limitações no espaço e no tempo. Lembro-me com que precisão detalhada descrevia os meus lugares natais perto de Voronej, onde eu vou constantemente e onde, no fundo de uma paisagem tão habitual para mim, trabalho nos poemas.

Mas, como sempre, primeiro a pergunta:

— O que é «Don»? Ouço a palavra: «Don».

Respondo: Don é um rio.

— Vejo uma colina. Vejo o rio. Vejo-te na colina. O rio é muito rápido.

Confirmo. O movimento da água aqui é tão impetuoso que é impossível nadar contra a corrente.

— O rio é largo? — pergunta Vanga. — Quantos metros?

— Uns cem metros — respondo distraidamente.

Mas Vanga corrige-me imediatamente.

— Mais largo. Dizem que duzentos — duzentos e cinquenta metros.

Concordo, porque isso corresponde mais à realidade.

— E que monumento é esse na colina?

— Aos pilotos militares.

— E por que vejo cosmonautas ao lado dele?

— Na inauguração participou o cosmonauta Beregovoi.

Com inesperada força, dirigindo-se a mim:

— Aqui deves vir constantemente. Esta colina é especial. Para sentir as suas correntes, deves andar descalço. Aqui crescem ervas curativas. Aqui há uma fonte curativa. Mantém constantemente na memória o rio, a colina, o monumento.

Após uma pausa de um minuto:

— Na Rússia há muitos lugares sagrados. Esta colina também é sagrada. Aqui esteve três vezes o santo Sérgio e três vezes a abençoou. Neste lugar ergueu uma cruz. Por isso deves sentir-te aqui como numa igreja. Deves vir aqui para receber força do Santo Sérgio.

Passariam cinco anos e estas palavras de Vanga (então meio esquecidas) reviveriam na minha memória, e eis porquê. Na colina vizinha começaram escavações. Quase imediatamente, a expedição

deparou-se com vestígios de uma antiga fortaleza russa. Surgiu a hipótese de que era exatamente a lendária Voronej dos anais, cujos vestígios se consideravam irremediavelmente perdidos. O diretor da expedição, o professor Priakhin, partilhou comigo os planos para o futuro. Acontece que tencionavam realizar escavações também naquele outeiro que durante longos anos me servira de gabinete de trabalho peculiar. Segundo as suas suposições, ali se encontrava um sepulcro principesco. Já fora feita uma reconhecimento preliminar. No sopé do outeiro descobriram uma pequena nascente, cuja existência eu desconhecia. Junto com Priakhin, desci até essa nascente e bebi da palma da mão a água pura e gelada. E pensava: não será esta a fonte curativa de que me falara Vanga?[1]

[1] Hoje ali foi erguida uma capela, e de todos os lados vêm pessoas beber a água curativa e fazer abluções.

Os contactos com o mundo invisível eram para Vanga uma realidade inabalável. Não fazia segredo deles, e como poderia, se todas as suas informações — por vezes pouco conhecidas, ou até completamente desconhecidas — as recebia, pelo seu próprio testemunho, dali.

Queixava-se:

— Às vezes durmo apenas uma hora por dia. Os espíritos não me deixam em paz. Inquietam-me, acordam-me. Dizem: «Levanta-te. Está na hora de trabalhar».

Vanga era há muito uma vegetariana rigorosa. Mas acontecia que durante dias inteiros não sentia necessidade de comida. Limitava-se a água não fervida, gelada — outra não gosta. E o que é espantoso: com isso não sentia o mínimo cansaço. Sentia um afluxo de vigor. Quem sabe se isso não será resultado da comunicação com o mundo invisível, que em certas condições pode dar uma recarga energética invisível.

Pela descrição de Vanga, os espíritos são transparentes e incolores («como água num copo»). Mas ao mesmo tempo brilham («como o calor num forno»). Comportam-se como pessoas. Sentam-se. Andam. Riem. Choram. Ultimamente repetem uma e a mesma coisa: «Não temam. O mundo já não caminha para a perdição».

Vanga explicou por que gostava de encontrar-se comigo:

— Contigo vêm espíritos. Muitos e muitos espíritos. Na maior parte, não os conheço. São aqueles que viveram ainda antes de Lenine e que estão acima de Lenine.

Uma vez informou-me que sentia a presença de Nikolai Roerich. Não resisti à tentação de verificar mais uma vez o dom clarividente de Vanga. Perguntei:

— E de que cor são os olhos de Roerich?

A questão é que muitos — eu sabia — por algum motivo consideram que os olhos dele são castanhos ou pretos. Mas Vanga respondeu imediatamente e sem erro:

— Azuis-azuis.

Após uma pequena pausa, acrescentou:

— Mais precisamente: celestiais. Como os de Cristo…

Vanga contava de que modo sabe da morte iminente de uma ou outra pessoa.

— Vejo ao lado dele um homem alto com um rosto maravilhosamente belo. Mas dele emana frio, como de uma montanha de gelo. Quando vem ter comigo uma pessoa acompanhada por esse companheiro — ele não o vê, mas eu vejo —, compreendo que os seus dias estão contados. Mas não tenho direito de lhe dizer isso diretamente.

O que atraía e conquistava nas profecias da baba Vanga (das quais era muito pródiga) era a ausência de névoa, de frases ambíguas que davam motivo a interpretações divergentes, e por vezes diametralmente opostas. Felizmente, não se parecia com os oráculos de Delfos. As suas predições (se não todas, muitas) eram claras, precisas e — o mais importante — frequentemente podiam ser verificadas num futuro próximo. Eis um desses exemplos.

Logo no nosso primeiro encontro — no verão de 1979 —, Vanga falou comigo sobre Indira Gandhi. «Tu és amigo de Nehru e de Indira Gandhi», declarou com a sua habitual categoricidade.

E imediatamente informou — repare-se, isto era dito numa altura em que Indira Gandhi estava na oposição, recentemente estivera na prisão — que em breve voltaria ao poder. Ainda não estavam planeadas eleições parlamentares antecipadas — isso seria mais tarde — e nenhum computador poderia prognosticar com tal certeza o curso dos acontecimentos, como o fez uma simples e pouco letrada camponesa búlgara. Pelo menos, tanto quanto sei, na nossa embaixada soviética em Deli, quando foram anunciadas as eleições antecipadas, as hipóteses de Indira Gandhi vencer eram equiparadas a zero.

É verdade que Vanga acrescentou — e isso também está registado no meu diário búlgaro — que o cargo de chefe de Estado ocuparia por pouco tempo e que a sua estada no poder seria interrompida pela morte. Como sabe, assim aconteceu.

Mas, naturalmente, nem todas as predições da baba Vanga podiam ser compreendidas de imediato. Por vezes, eram necessários certos esforços para penetrar no sentido das suas palavras. Por vezes, esclarecia-se apenas quando se cumpria o predito.

«Daqui a dois anos — dizia no nosso primeiro encontro Vanga —, será mais fácil transmitires às pessoas as tuas ideias, daqui a dois anos começará a viragem».

E começou — só que na altura não o percebi imediatamente —, quando na primavera de 1981 comecei a trabalhar no livro «Sete Dias nos Himalaias». Ia num risco consciente, pois escrevia um livro sob censura: afinal, o tema espiritual-religioso — que era chave no manuscrito — estava sob tabu oficial. Mas contra toda a evidência e contra a lógica guardiã-proibitiva da época, apareceu aquilo que, em princípio, de modo algum poderia aparecer.

A novela «Sete Dias nos Himalaias» foi publicada, e ainda por cima em tiragem massiva, na revista «Moscovo». Na altura, isso era uma espécie de sinal.

Pequeno episódio do mesmo período da vida.

Quando trabalhava no manuscrito, ia familiarizando sucessivamente a minha mulher — editora rigorosa e exigente de todas as minhas coisas — com partes e fragmentos separados. Leio o capítulo seguinte: nele fala-se do vegetarianismo e a ideia principal é que não se deve transformar a renúncia à carne, como alguns fazem, num fim em si mesmo. De repente, ela interrompe-me:

— Lembras-te do que te disse Vanga?

E o que disse ela? Lembro-me:

— Escreves sobre comida? — perguntou-me ela.

Surpreendido com a pergunta inesperada, respondo:

— Não, não escrevo nem tenciono escrever.

— Agora é cedo — disse Vanga com ênfase. — Mas daqui a dois anos escreverás sobre isso.

E eis que se cumpriu: nem dei por isso, mas em cumprimento da predição de Vanga comecei realmente a escrever sobre isso.

Deve dizer-se que os prognósticos globais da baba Vanga eram animadores. «Não haverá guerra», afirmava ela numa altura em que o confronto nuclear atingira o ponto crítico, quando o mundo pendia por um fio que qualquer acaso, descuido, para não falar de má intenção, podia romper. Aliás, quando nos meus serões de autor me acontecia, naturalmente em termos gerais, falar da baba Vanga e citava a sua profecia «Não haverá guerra», a sala explodia involuntariamente em aplausos.

«Daqui a seis anos o mundo começará a mudar decididamente». Não esqueça que isto era dito no auge da era brejneviana, em 1979.

«Os velhos líderes partirão. Virão novos».

E finalmente — isto com certa solenidade na voz Vanga repetia mais de uma vez —

«Um novo homem sob o signo da Nova Doutrina surgirá da Rússia».

Vanga sentia-se como uma espécie de ressonador, que atuava não por vontade própria. Aquilo que passava pela sua consciência era mais forte do que ela e nem sempre lhe era compreensível. Por isso, acontecia por vezes recorrer a nós para esclarecimentos. Lembro-me de mais uma pergunta imprevisível:

— Quem é Gorki?

— Um escritor. Mas o que se passa, Vanga? — pergunto eu.

— Ele está aqui. Ajuda-te. Tornou-se vidente. Escreves sobre ele?

— Não.

Com convicção:

— Vais escrever sobre ele.

Noutra ocasião:

— Ouço: Rama, Rama. Vejo: toda a gente o adora. Quem é Rama?

— Um deus indiano.

— Transmitam a Indira Gandhi — diz de repente Vanga —, que não chore pelo filho (esse falecera pouco antes, num acidente ao pilotar um avião desportivo). Aquele a quem na Índia chamam Rama aproximou-o de si. Ele está ao lado dele.

E por causa de um nome surgiu uma confusão. A princípio, pareceu-me desconhecido.

— Aproximou-se um espírito — informou-me um dia Vanga. — Diz que se chama Tomás. Quem é?

— Não faço ideia — respondi eu.

Só mais tarde, em Moscovo, percebi que «Tomás» era Foma. E eu, exatamente na altura, estava entusiasmado com o Evangelho apócrifo de Tomás. Até tomara como epígrafe de um dos meus poemas uma frase desse Evangelho: «Outrora éreis um só, mas tornaram-se dois».

Foi por isso que, no nosso encontro seguinte, quando apareceu novamente «Tomás», disse à baba Vanga que, muito provavelmente, era o apóstolo Tomé.

— Ah! — exclamou ela alegremente. — Tomé, o incrédulo.

E com admiração:

— Oh, que Espírito tão grande!

E logo — estremeci, de tão inesperado — passou para a linguagem do Evangelho gnóstico.

— Eu sou Ele. Nós somos Ele. Somos Aquele que volta novamente ao mundo, como por Ele foi prometido. Todos os apóstolos estão agora em movimento, todos os apóstolos estão na terra, pois chegou o tempo do Espírito Santo. Mas a missão mais elevada coube ao apóstolo André. Ele é o preparador dos caminhos de Cristo na terra prometida.

Vanga era uma pessoa profundamente crente. Observava escrupulosamente todos os ritos ortodoxos. Censurava até o clero búlgaro por, ao contrário do russo, terem passado para o novo estilo calendário, quebrando a sucessão habitual das festas religiosas. E, no entanto, apesar do que professava — isto costumava acontecer após uma breve imersão em estado de transe —, declarava:

— Todas as religiões cairão. Ficará apenas uma: a Doutrina da Grande Fraternidade Branca. Como uma flor branca, cobrirá a Terra, e graças a isso as pessoas salvar-se-ão.

A Doutrina, com a qual surgiam constantemente os nomes de Roerich e Blavatsky, ocupava extraordinariamente a imaginação de Vanga. Chamava-lhe a Bíblia de fogo.

— Esta é a Nova Doutrina — dizia ela —, mas construída sobre as bases da antiga. A antiga aqui pode comparar-se às raízes, e a nova — como uma flor que desabrocha ao sol.

Segundo as suas palavras, o trabalho secreto e profundo sobre a Doutrina estava agora concluído. Já não podia permanecer secreta. Como um fluxo de fogo, irromperá para as pessoas.

— A Nova Doutrina virá da Rússia — profetizava Vanga. — A Rússia será pura, na Rússia estará a Grande Fraternidade Branca. Daqui a Doutrina começará a sua marcha por todo o mundo.

— A tua inspiração — aceno na direção de Liudmila — também vem da Rússia. As tuas Assembleias Infantis são muito importantes. Acertaste ao perceber que as sementes da Doutrina se espalharão por todo o lado através das crianças.

Para mim:

— Trabalhas pouco para a Grande Fraternidade Branca. Vinte anos — a partir deste momento — deves trabalhar para que a Doutrina seja conhecida por todo o planeta. Daqui a vinte anos — antes não será possível — colhereis a primeira grande ceifa.

Apesar de todo o otimismo global da baba Vanga, nas suas profecias surgiam aqui e ali notas apocalípticas. Dizia que cada povo tem a sua estrela, que o satura de energia luminosa. Contudo, há exceções. Alguns povos, dizia ela, não têm estrela, mas um planeta. Pois bem: a Nova Doutrina (segundo palavras de Vanga, «branca-branca, como a neve») criará novas condições (segundo palavras de Vanga, «tudo ficará branco-branco, como leite»), nas quais esses povos não poderão sobreviver, pelo menos espiritualmente. Numa atmosfera invulgar para eles, como que sufocarão. O povo que, em vez de estrela, tem um planeta ou — o que é o mesmo — uma estrela extinta, extinguir-se-á também, afirmava Vanga, como uma vela num vento demasiado forte.

Como já disse, a baba Vanga entrou rapidamente no círculo dos nossos problemas. A mim, por exemplo, saudava assim: «Ah, é aquele que ama o santo Sérgio!» Segundo as suas palavras, cada vez que nos encontrávamos com ela, ele delineava-se claramente perante a sua visão interior.

Como sempre, a pergunta:

— Veneram na Rússia o santo Sérgio?

— Pouco — respondo eu. — Principalmente na igreja.

Vanga:

— Vejo um mosteiro. (Confirmo que na Lavra da Trindade-São Sérgio se encontram as relíquias do venerável Sérgio.) Esse é o coração da Rússia. Ele é um grande profeta. Não é um santo comum, é o principal santo russo.

Com energia inesperada:

— Não existe força que possa quebrar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá, fortalecer-se-á.

E acrescenta que não são palavras dela, mas do santo Sérgio.

— Vejo — continua Vanga —, ele segura a Rússia na palma da mão. Vejo uma igreja a pairar no ar. Vejo pessoas com lanças e elmos.

— Vanga — interrompo-a —, estás a dar uma descrição exata de um quadro de Roerich.

— Que quadro? — pergunta Vanga.

— É pouco conhecido, porque não o expõem. Nele está retratado o santo Sérgio, que segura nas mãos uma catedral, simbolizando a Rússia. Abençoa os guerreiros — visíveis ao fundo do quadro —, que partem para a batalha de Kulikovo. A legenda do quadro diz: «Foi dado ao Santo Venerável Sérgio salvar três vezes a Terra Russa. A primeira vez com o príncipe Dmitri, a segunda com Minin. A terceira» — segue-se uma reticência.

— Por que não o expõem?

— Por causa da inscrição profética.

Vanga como que perscruta o longe. Informa:

— O quadro foi pintado por quatro almas que vieram de outro mundo. Poucos sabem deste quadro. É preciso que muitos o conheçam, que todos o conheçam. Guardem o quadro como a menina dos olhos. É um grande documento, é a maior riqueza da Rússia. Não o enviem para outros países. Está destinado apenas à Rússia.

E, como que concluindo o dito, exclama:

— Aquele que foi o santo Sérgio é agora o maior dos santos. É o guia de toda a humanidade. Oh, como ajuda agora a humanidade! Transformou-se em luz, o seu corpo é de luz.

Existe um retrato do Mestre de Blavatsky, que depois se tornou também Mestre de Roerich, reproduzido numa das primeiras edições do seu livro «Das Cavernas e Selvas do Hindustão». Pelo testemunho dela, o retrato foi feito de modo invulgar. Invulgar é o rosto, que atrai como um íman, especialmente os olhos. Muitos sentiram a força do seu olhar. Eu também.

Liudmila contava que vira esse retrato pela primeira vez após o acidente. «O rosto pareceu-me dolorosamente familiar. Senti imediatamente que era o Mestre, que era o meu Mestre».

Decidimos — como uma espécie de experiência — mostrar a fotografia do retrato à baba Vanga. O facto de ela ser cega, neste caso, não tinha importância. Já tínhamos observado várias vezes como uma fotografia lhe servia de ponto de apoio. Colocava as mãos sobre a imagem da pessoa e como que entrava em contacto com os seus pensamentos. Como resultado — dava uma descrição exata não só das características externas da pessoa, mas também da sua biografia, particularidades do caráter, etc.

Foi o que fizemos. Meu Deus! O que aconteceu com Vanga! Estremeceu, como se tocasse num fio elétrico descarnado. Nunca a vira num estado de espírito assim.

— Por que não deste antes a fotografia? — exclamou excitada. — Ele está aqui. Está convosco. Por alguma razão, surge perante mim a Sibéria. Ele é russo, esteve na Rússia?

— Não. É indiano. É o Mahatma Morya.

Vanga:

— Ele é o protetor de Moscovo, ou melhor, é o protetor da Rússia. Já o vira antes, só não sabia quem era.

Para agradar à baba Vanga, propus:

— Toma de presente este retrato.

— Não — respondeu ela assustada. Até afastou a fotografia. — Ele perturbar-me-ia.

Mais calma, disse:

— À minha casa vêm espíritos, muitos e muitos espíritos. Mas este espírito — o mais forte de todos os que conheço — nunca atravessa o limiar do quarto. Fica sempre atrás da porta. É difícil olhá-lo, porque brilha como o sol. Às vezes vejo-o num cavalo branco e com olhos que metem medo.

Da fotografia recusou, mas a nós recomendou que tivéssemos sempre esse retrato connosco.

— Guardem-no obrigatoriamente no bolso esquerdo. Deve interagir (especialmente quando planeiam ou realizam algo importante) com as correntes do vosso coração.

Mas o que foi em grau sumo curioso: Vanga, segurando nas mãos a fotografia do Mahatma Morya, por algum motivo perguntou:

— É o retrato do santo Sérgio?

— Não — respondi eu.

Vanga, pensativa, continuou:

— Sim, na fotografia não é o santo Sérgio. No entanto, vejo dois rostos, dois corpos, mas uma só alma.

Naturalmente, Vanga nem suspeitava de quão exatamente captara a essência da conceção roerichiana, segundo a qual o santo Sérgio é uma das encarnações do Mestre Morya.

Disse-lho. Mas tal interpretação não a perturbou minimamente. Apenas acrescentou:

— Que saibam que ele teve dois corpos.

E novamente:

— Este espírito sempre foi o protetor da Rússia.

Segundo as suas palavras, ele impulsionava e inspirava os mais eminentes líderes estatais da Rússia, em particular Pedro o Grande e Lenine.

Aliás, pela mesma conceção roerichiana, o espírito de Pedro o Grande depois encarnou em Lenine, de modo que estas duas personalidades históricas representam uma única essência. Foi por isso que a denominação da cidade no Neva (Petersburgo, Leninegrado) não tem importância de princípio. Em ambos os casos, remete para a mesma essência, chamada duas vezes a transformar a Rússia.

A baba Vanga tinha uma relação especial com os nossos cosmonautas. Afirmava que eles cumpriam uma missão de importância excecional. Os foguetes pilotados por eles purificavam o espaço sobre a Rússia e o santificavam. A Iuri Gagarin, a baba Vanga considerava-o santo. «Depois de aceitar a morte de fogo, tornou-se iniciado — dizia ela. — Encontra-se agora no seu corpo celestial. A sua alma está viva e brilha como uma estrela sobre a Rússia».

O futuro apresentava-se a Vanga assim.

— Tudo derreterá, como gelo; apenas uma coisa ficará intocada — a glória de Vladimir (referia-se ao príncipe que outrora batizara a Rus), a glória da Rússia.

— Foram oferecidos sacrifícios demais — dizia Vanga. — Ninguém pode já parar a Rússia. Varrerá tudo do seu caminho e não só se preservará, mas tornar-se-á senhora de todo o mundo.

Naturalmente, na palavra «senhora» Vanga investia não um sentido político, mas espiritual. E, naturalmente, Vanga sentia agudamente o caráter ambíguo e contraditório do processo vindouro. Sim, declarava — pouco antes da invasão das tropas soviéticas no Afeganistão: «Em breve bandeiras vermelhas ondearão em muitos países do mundo».

Mas afirmava também outra coisa: «A velha Rússia regressará».

É verdade que, sob a palavra «velha», Vanga não entendia as antigas ordens nem o regime anterior na sua integridade inabalável. Sobre

Nicolau II, quando a conversa recaiu sobre o último czar russo, falava de modo pouco lisonjeiro e duro.

— Mau homem.

— Porquê?

— Destruía pessoas, e por causa dele foram destruídas uma grande multitude de pessoas.

O conceito de «velha Rússia» significava para ela o regresso ao princípio espiritual oculto. («Apenas uma coisa ficará intocada — a glória de Vladimir».)

«Agora — dizia ela —, chamam-se União, mas depois chamar-se-ão, como no tempo do santo Sérgio, Rus.»

É esta Rus, velha e nova ao mesmo tempo, porque lhe está destinado passar pelo crisol de um novo e ardente batismo, que deve tornar-se — segundo a expressão de Vanga — «senhora de todo o mundo». «Como uma águia, a Rússia elevar-se-á sobre a terra — palavras literais da baba Vanga — e cobrirá toda a terra com as suas asas». A sua primazia espiritual será reconhecida por todos, incluindo a América.

Mas isso não acontecerá de imediato. Segundo palavras de Vanga, daqui a sessenta anos. Tanto quanto me lembro, voltámos três vezes a este tema e três vezes ela indicou o mesmo prazo: daqui a sessenta anos.

Mas a isso, novamente segundo palavras de Vanga, precederá a aproximação de três países. Num ponto, dizia ela, convergirão a China, a Índia e Moscovo.

— E a Bulgária? — perguntou Liudmila.

— A Bulgária também, mas se estiver junto com a Rússia e como que parte da Rússia — respondeu Vanga. — Sem a Rússia, a Bulgária não tem futuro.

— Cristo voltará novamente em vestes brancas — profetizava Vanga. (E, dirigindo-se a mim: «E tu deverás descrever isso nos teus livros».)

Chega o tempo em que certas almas sentirão o regresso de Cristo com o coração.

Primeiro, Ele manifestar-se-á à Rússia, depois — a todo o mundo.

— Quando escreveres sobre a Bulgária — recomendava-me Vanga —, tem Liudmila em mente.

(Aliás, eu esforçava-me por seguir esse conselho ao trabalhar neste ensaio.)

— Estiveram ligados no passado — informou-nos Vanga. — Encontravam-se ao mesmo tempo junto do santo Sérgio. No mosteiro dele.

E exclamou, arrebatada pela imagem do passado ressuscitado:

— Ai-ai! Vejo-te — isto para Liudmila. — És oficial. Tens uma alma russa. O exército avança como uma chama, e os guerreiros como línguas dessa chama. Ai-ai, a alma russa avança e nada teme.

E novamente para Liudmila:

— Estarás sempre com a Rússia. Para ti, a Rússia é tudo. Devem aparecer outras mulheres semelhantes a ti. Ainda não vieram do céu. Mas em breve virão e ajudarão a terra.

Esta conversa decorreu nos antigos aposentos reais nos arredores de Sófia, um ano depois do nosso primeiro encontro. Foi exatamente esta, sem suspeitar que seria a última, que gravámos em fita magnética.

Devo dizer que as minhas viagens à Bulgária deparavam sempre com obstáculos imprevisíveis. Sempre havia derrapagens em falso. Ora a visa era atrasada por razões incompreensíveis, ora o prazo da minha estada na Bulgária era rigorosamente limitado. Penso que não era por acaso. Na altura, vigiavam com a maior atenção o nosso irmão escritor, e em geral qualquer passo não convencional de qualquer pessoa.

As minhas dificuldades não escaparam a Liudmila Jivkova. Ela até disse: «Estamos sempre contentes por o ver entre nós, resolva apenas a questão da saída do seu país».

Mas resolver essa questão revelou-se bastante difícil. O plano da última viagem (que, no fim, não se concretizou) encontrou já não uma resistência camuflada, mas aberta. Mas aqui, evidentemente, cometeu-se um erro. Liudmila Jivkova enviou um convite a mim e à minha família para ir à Bulgária como seus hóspedes. Pensava que assim facilitaria a situação com a saída: afinal, convidava não qualquer um, mas um membro do Politburo, presidente do Comité da Cultura da Bulgária. Mas aconteceu o contrário. Teve o efeito oposto. Recusaram-me categoricamente a visa, e, como de costume, sem qualquer explicação.

Naturalmente, dirigi-me à Praça Velha, ao Comité Central do PCUS. Esse endereço era então bem conhecido por todos: partidários e não partidários. Mas lá, quando necessário, sabiam fingir-se de cordeiros inocentes. «E nós com isso? — fingiram surpresa os funcionários que me receberam. — A questão é que o convite de Liudmila Jivkova não é oficial, mas privado e deve ser enviado pelos canais do OVIR. Não temos direito de interferir nas prerrogativas do OVIR».

Naturalmente, era um jogo. Tanto mais que, através de intermediários, em sussurros, me foi transmitida a opinião de um alto funcionário meu benfeitor do mesmo Comité Central: «Para que se meteu Sidorov com uma figura tão duvidosa como Liudmila Jivkova? Para que precisa ele da Bulgária? Que vá para a Crimeia. Se for necessário, arranjamos-lhe uma vaga em qualquer sanatório ou casa de repouso da Crimeia».

Mas eu não tencionava recuar do planeado. Ora bem: OVIR assim OVIR. Informei Liudmila Jivkova do ocorrido. Da Bulgária, em regime de urgência, enviaram um convite privado, feito por razões de conspiração não de Liudmila Jivkova, mas de alguma figura fictícia.

Agora começou o OVIR a irritar-me os nervos, atrasando ao máximo a formalização dos documentos. Mas eu armara-me não só de paciência, mas de longanimidade, pois decidira — tinha razões especiais

para isso — alcançar o meu objetivo. E de repente, como um trovão em céu sereno: uma chamada da embaixada búlgara. Liudmila Jivkova falecera subitamente. Falecera exatamente no dia em que, segundo o convite inicial, eu devia chegar a Sófia.

A morte de Liudmila Jivkova — súbita, e ainda por cima numa idade tão jovem: não tinha ainda trinta e nove anos — naturalmente gerou uma multitude de rumores e lendas. E não cresciam em terreno vazio.

Afinal, nada — nem doença, nem um leve mal-estar — prenunciava o que aconteceu. Nos jornais foi publicado um parecer médico. Dele resultava que a morte ocorrera por acidente vascular cerebral. Mas na altura poucos confiavam nas comunicações oficiais, tanto mais que as circunstâncias da morte de Liudmila estavam desde o início envoltas em mistério.

E elas, essas circunstâncias, quando informações escassas sobre elas acabavam por chegar às pessoas, não podiam deixar de causar perplexidade.

Era estranho que, quando Liudmila perdeu a consciência — e isso aconteceu na casa de banho —, ninguém, literalmente ninguém, estivesse na enorme casa de campo. Durante aproximadamente duas horas, ela ficou entregue a si mesma. Era estranho que, quando conseguiram ligar para a ambulância, esta chegasse com grande atraso.

E, finalmente, era estranho que a ambulância estivesse avariada. No caminho, soltou-se uma roda e passou-se uma hora inteira a reparar o veículo.

Naturalmente, tudo isso podia explicar-se por uma conjuntura casual de circunstâncias, mas também era natural que a alguns — especialmente na ausência de informação exata e completa — a própria conjuntura de circunstâncias pudesse parecer suspeita.

Existem diferentes versões da morte misteriosa de Liudmila Jivkova (incluindo detetivescas). Mas uma delas — nomeadamente a versão de suicídio, se não me engano, avançada por um dos assistentes de Todor Jivkov — deve rejeitar-se imediatamente e sem reservas. Para Liudmila

Jivkova, com a sua visão espiritual do mundo, tal variante era absolutamente excluída. Aliás, exatamente no último mês da sua vida mantive contacto constante com Liudmila (isso era ditado pelas peripécias da minha viagem planeada à Bulgária) e estava a par de muitos dos seus assuntos. Sabia que preparava para mim novas propostas e projetos. Sabia que estava triste com o meu atraso.

O secretário de Liudmila Jivkova, Kiril Avramov, contou-me que na sexta-feira à noite — na véspera da tragédia inesperada — ela lhe telefonara da sua residência de campo. Perguntou: «Tem a certeza de que Sidorov vem e, se sim, quando vem finalmente?» Ele assegurou-lhe que a questão da minha saída já estava resolvida e que dentro de dias eu voaria para Sófia. Segundo ele, foi esse o último contacto dela com o mundo exterior.

Nos funerais de Liudmila Jivkova, como não ocupava cargo oficial, naturalmente não estive presente. E eles, segundo testemunhas oculares, transformaram-se numa grandiosa manifestação, porque centenas de milhares de pessoas saíram às ruas de Sófia.

Ai de nós, como sabemos, por vezes só a morte de uma pessoa permite avaliar devidamente o verdadeiro significado da sua vida para nós.

As condolências oficiais vieram de diferentes países. Naturalmente, do nosso país — também. Mas o maior número de telegramas de pesar veio da Índia. Lá Liudmila ia frequentemente, lá comunicava com um círculo de pessoas próximas no espírito. Por proposta de Indira Gandhi, à faculdade de línguas e literatura eslavas da Universidade de Deli foi atribuído o nome de Liudmila Jivkova. Esse nome mantém ainda hoje, quando na pátria de Liudmila foi mudado tudo, literalmente tudo, que de algum modo recordava Todor Jivkov.

E, naturalmente, quase no dia seguinte aos funerais foi interrompido o avanço das transformações espirituais e culturais. O programa complexo de Liudmila Jivkova ficou por realizar. Após o Ano de Roerich e o Ano de Lenine, deviam seguir-se anos dedicados a Rabindranath Tagore, a Cirilo o Filósofo, a Lomonossov, a Goethe, ao patriarca Eftimii,

a Jan Comenius. Sobre isso preferiram esquecer imediatamente. Foram enterrados os projetos de criação de um Centro Internacional Roerich em Sófia e de restauro do instituto roerichiano nos Himalaias (logo se lembraram de que não havia meios para isso). Cessaram as Assembleias Infantis. Numa palavra, como após uma breve tempestade com o seu vento purificador, tudo gradualmente voltou ao lugar. A vida entrou no seu canal rotineiro habitual.

…E o anel de Sai Baba, que Liudmila Jivkova me mostrara um dia, pouco antes da sua morte desapareceu para parte incerta. Sobre o seu desaparecimento misterioso soube pela própria Liudmila, quando ela esteve de passagem em Moscovo e consegui encontrar-me com ela por pouco tempo. Ou era uma espécie de sinal, ou mera coincidência, mas de uma forma ou de outra isso levou-me a pensar que os objetos recebidos do mundo astral vivem segundo as suas próprias leis, só a eles inerentes. Com eles, como percebi, acontece obrigatoriamente algo. Ou dissolvem-se no ar, ou, como as moedas de ouro de Bossavriuk — lembram-se da «Noite antes de Ivan Kupala» de Gogol —, transformam-se em cacos partidos.

«E a baba Vanga? — perguntarão vocês. — Então não viu a morte próxima de Liudmila? Não pressentiu? Não foi avisada?»

As mesmas perguntas fazia eu. Mais do que isso. Estudei minuciosamente as gravações das minhas conversas com a baba Vanga, tentando encontrar pelo menos uma alusão à tragédia futura, mas nada descobri.

Aqui — parece-me — são possíveis duas variantes.

Ou Vanga sabia o que ia acontecer, mas ocultava-o de nós e de Liudmila, pois não tinha direito de falar de tudo. Contudo, isso é duvidoso. Para quê, então, entrar em tantos detalhes nos planos do nosso trabalho conjunto, dar recomendações não só para o futuro próximo, mas também distante.

Ou Vanga não sabia o que ia acontecer, por alguma razão isso lhe estava vedado. Dizem que, quando lhe comunicaram a morte de

Liudmila, exclamou assustada e perplexa: «Como assim? Não a vejo morta. Vejo-a viva».

Claro que o melhor seria perguntar à própria Vanga. Mas aconteceu que não tive mais oportunidade de me encontrar com ela. Mas eis o eco do sucedido — e para a baba Vanga, tal como para mim, a perda de Liudmila foi uma dor pessoal — senti-o nas palavras, até na tonalidade das palavras, ditas por ela na véspera do Natal no fim do ano fatídico que partia.

«1981 nada deu às pessoas, mas tirou muito a todos, a todos nós…»

Estas palavras são citadas no livro «A profetisa búlgara Vanga», escrito pela sua sobrinha (filha de Liubka). Aí também é citada uma predição otimista:

«Esperai mudanças para melhor».

No entanto, para o período vindouro, aquele mesmo em que agora vivemos, a previsão da baba Vanga é bastante desanimadora. Segundo a sua afirmação, «as cidades e aldeias ruirão devido a terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, as pessoas más vencerão, e haverá incontáveis ladrões, delatores e prostitutas.

Entre as pessoas criar-se-ão ligações frágeis e duvidosas, condenadas ao colapso logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente, e apenas a paixão falsa, ou melhor, a ambição e o egoísmo se tornarão estímulos nas relações humanas».

Blok considerava a batalha de Kulikovo como um dos eventos simbólicos da história russa. «A tais eventos está destinado o regresso — dizia ele. — A sua decifração está à frente».

Como se sabe, à batalha — segundo as regras não escritas da época — precedeu um duelo singular. No campo da batalha iminente saíram dois. Do lado tártaro — com armadura pesada, largo de ossos e corpulento, de aparência aterrorizante, o bátir Chelubei. Do lado russo — de fragilidade juvenil, vestido à esquimó, o monge-guerreiro Peresvet. Ao colidirem, feriram-se mutuamente de morte. Mas Chelubei caiu imediatamente, e o seu corpo, enredado nas rédeas, foi arrastado

pelo chão pelo cavalo assustado. Já Peresvet — mesmo morto — manteve-se na sela e, direito como uma vela, galopava perante as fileiras das nossas tropas, como que significando e prenunciando a vitória.

Evidentemente, no meu subconsciente, esta imagem fundiu-se com a visão da baba Vanga, que outrora descrevera de modo tão vivo: o exército do santo Sérgio, semelhante a uma chama; Liudmila no meio desse exército («Tens uma alma russa… A alma russa avança e nada teme»).

E inesperadamente, como sempre acontece durante a meditação, ressoou uma resposta interior à minha pergunta silenciosa. Tomou a forma de curtos versos.

O combate é combate. E na batalha de Kulikovo Peresvet foi Liudmila. Como antes, a sua morte revela A derrota do inimigo comum.

1992

Vanga e a Doutrina dos Roerich (Fragmentos do livro em preparação de A. Marianis «As profecias de Vanga e a doutrina dos Roerich. Como tornar-se saudável e bem-sucedido».)

O fenómeno Vanga não deixa de surpreender milhões de pessoas, forçando-as inevitavelmente a refletir sobre o maior enigma da vida — o enigma do futuro.

Se alguém é capaz de prever o futuro, significa que ele já existe algures sob a forma de um destino já formado de uma pessoa concreta, de um país inteiro ou de todo o mundo? Se assim é, pode ser alterado? Pode a pessoa aprender a prever o que a espera no futuro? Estas e muitas outras perguntas são geradas na consciência de uma pessoa comum pela existência de fenómenos humanos como Vanga.

Mas Vanga não contava apenas eventos concretos do futuro às pessoas; revelava-lhes muitas coisas que existem no presente, mas estão ocultas aos olhos comuns por um véu de mistério e ignorância. Não se limitava a informar sobre algo; aconselhava, instruía, partilhava

com os contemporâneos a sabedoria que recebera de uma fonte misteriosa do Alto.

Isso já não é apenas um dom — é uma missão com que as Forças Superiores dotam uma pessoa. Não por acaso o dom profético apareceu numa menina cega de 13 anos após um sonho maravilhoso em que lhe surgiu um Cavaleiro de beleza espantosa, num halo de brilho divino, com armadura reluzente como o Sol, e lhe disse: «Não está longe a hora em que o mundo se virará do avesso e uma multitude de pessoas perecerá. Tu preverás a vida e a morte. Não temas, estarei sempre ao teu lado, e transmitirás às pessoas as minhas palavras… ».

Houve videntes em qualquer país do mundo em todas as épocas. Por que razão exatamente Vanga se tornou famosa pela sua capacidade de previsão quase em todo o mundo?

O fenómeno Vanga é único porque podia profetizar não só sobre os destinos de pessoas concretas que vinham ter com ela em busca de ajuda e conselho. Previa os destinos de países inteiros e de todo o mundo. E tais profecias não eram acessíveis a tantos videntes ao longo de toda a história da humanidade. Cassandra, João o Teólogo, Renio Nero, Nostradamus, Abel, Messing, Edgar Cayce, Vanga… talvez todos eles não fossem apenas videntes, mas mensageiros através dos quais as Forças Superiores comunicavam às pessoas o segredo do futuro.

É tanto mais interessante compreender o que disse Vanga sobre o futuro do nosso país, o que aconselhava, o que ensinava. Sobre o que profetizava a vidente búlgara à Rússia, ficamos a saber graças a uma obra pequena em volume, mas surpreendentemente rica em conteúdo, do escritor e poeta soviético Valentin Mitrofanovitch Sidorov.

Na realidade, o livro de V. Sidorov é uma fonte valiosíssima que contou ao mundo inteiro sobre aspetos da vida de Vanga e sobre conhecimentos que lhe eram próprios, dos quais não se falava em nenhum outro livro sobre a vida da vidente. Quem, por exemplo, poderia imaginar que a famosa profetisa acreditava santamente no grande futuro de uma das mais interessantes doutrinas filosófico-esotéricas do mundo, a Agni Ioga, ou Ética Viva, também chamada

Doutrina da Vida, transmitida à família Roerich pelos Mestres Espirituais de Shambhala? E, no entanto, era exatamente assim! Isso é confirmado também pelos seguidores búlgaros da doutrina dos Roerich, membros das sociedades roerichianas búlgaras, que conheciam Vanga.

É verdade que não havia nada de místico no conhecimento de Vanga sobre a existência dessa doutrina. Com a Agni Ioga, Vanga foi claramente familiarizada pela seguidora búlgara dessa doutrina, que era também uma velha conhecida de Vanga, Liudmila Jivkova. Mas Vanga não se limitava a saber da existência dessa doutrina; valorizava-a altamente e predizia-lhe um grande futuro não só na Rússia, mas em todo o mundo!

Recordemos como falava dela:

«Como uma flor branca, cobrirá a Terra, e graças a isso as pessoas salvar-se-ão»;

«A Nova Doutrina virá da Rússia (…). A Rússia será pura, na Rússia estará a Grande Fraternidade Branca. Daqui a Doutrina começará a sua marcha por todo o mundo»,

(V. M. Sidorov)

Por que razão Vanga atribuía tanta importância a esta doutrina?

Talvez o entusiasmo de Liudmila Jivkova pela Doutrina da Vida tivesse tal impacto em Vanga que ela passou a considerá-la a doutrina capaz de salvar o mundo inteiro? Dificilmente era só influência de Liudmila. Vanga era muito mais velha que Liudmila Jivkova, e a experiência de vida que lhe era própria não lhe permitiria seguir cegamente os entusiasmos espirituais da sua jovem amiga. Simplesmente, os conhecimentos que Vanga possuía graças à sua clarividência revelaram-se muito próximos de muitas das posições e ideias fundamentais da doutrina da Agni Ioga.

Na verdade, Vanga deixou ao mundo não apenas um conjunto de profecias sobre o futuro, mas uma doutrina inteira sobre como estão organizados o mundo e a vida do ser humano nele. As ideias principais de Vanga e os seus conselhos sobre as mais diversas questões,

relevantes para cada pessoa, estão expostos no livro em preparação «As profecias de Vanga e a doutrina dos Roerich».

Algumas afirmações de Vanga relacionadas com predições sobre o Apocalipse e o futuro da Rússia serão analisadas neste posfácio.

Então, o que predisse Vanga ao mundo inteiro e ao nosso país?

A BÍBLIA DE FOGO DE VANGA

«Existe uma antiga doutrina indiana — a doutrina da Grande Fraternidade Branca. Espalhar-se-á por todo o mundo. Sobre ela imprimirão novos livros, e lê-los-ão em toda a parte na Terra. Será a Bíblia de Fogo», — afirmava Vanga.

(V. M. Sidorov)

Naturalmente, sobre o grande significado mundial do património filosófico antigo indiano falava não só Vanga. A importância do conhecimento espiritual vindo da Índia foi sublinhada por todos os grandes profetas do mundo.

Algo semelhante dizia sobre o património espiritual do Oriente outro grande vidente, o profeta americano Edgar Cayce. Afirmava: «A Índia é o berço do conhecimento que ainda não é utilizado… Mas o seu tempo chegará».

Eis o que escreve sobre a relação de Vanga com a doutrina dos Roerich o que se encontrou com a profetisa V. M. Sidorov:

«A Doutrina, com a qual surgiam constantemente os nomes de Roerich e Blavatsky, ocupava extraordinariamente a imaginação de Vanga. Chamava-lhe a Bíblia de Fogo.

— Esta é a Nova Doutrina — dizia ela —, mas construída sobre as bases da antiga. A antiga aqui pode comparar-se às raízes, e a nova — como uma flor que desabrocha ao Sol.

Segundo as suas palavras, o trabalho secreto e profundo sobre a Doutrina estava agora concluído. Já não podia permanecer secreta. Como um fluxo de fogo, irromperá para as pessoas».

(V. M. Sidorov)

Digamos em duas palavras sobre a história da Nova Doutrina. Esta doutrina, entre os seguidores, recebeu imediatamente três nomes: Agni Ioga, Ética Viva e Doutrina da Vida. Todos estes nomes correspondem plenamente ao conteúdo da doutrina em questão. Ela, como dizia Vanga, foi construída sobre as bases dos mais antigos conhecimentos filosóficos para toda a civilização terrestre do Oriente. Durante séculos, esse conhecimento foi esotérico, secreto, ou seja, transmitido apenas num círculo restrito de seguidores do Mestre ao discípulo.

Os guardiões do mais antigo conhecimento espiritual do planeta eram os Mestres da lendária Shambhala — a obediência oculta em terras altas dos Himalaias de ascetas espirituais, afastada do mundo, mas que incessantemente o ajuda. Chegou o tempo — e os guardiões do antigo conhecimento secreto transmitiram-no às pessoas, e os colaboradores dos Mestres Espirituais de Shambhala foram exatamente pessoas russas, primeiro — Elena Petrovna Blavatsky, que trouxe ao mundo a doutrina da teosofia, e depois — a família Roerich, que recebeu dos Mestres de Shambhala a Doutrina da Vida, ou Agni Ioga.

O papel principal na receção desta doutrina coube a Elena Ivanovna Roerich, dotada desde a infância do dom de clarividência e clariaudiência. Os textos da Doutrina da Vida eram transmitidos a Elena Ivanovna pelo seu Mestre, grande asceta do Oriente, por meio de um contacto espiritual-telepático especial, baseado na capacidade de clariaudiência e clarividência. O Mestre da família Roerich era o próprio Dirigente de Shambhala, ou, como O chamavam na Índia e no Tibete, o Senhor de Shambhala.

A Doutrina da Agni Ioga, como o próprio nome indica, pertence à tradição da ioga, ou seja, tem significado prático ligado ao sistema de autoaperfeiçoamento do ser humano. Mas se a hatha-ioga conhecida de todos se ocupa do aperfeiçoamento do corpo, a Agni Ioga aperfeiçoa antes de mais o espírito e a consciência do ser humano. Além disso, a Doutrina da Vida dá aos seguidores uma multitude de conselhos úteis sobre os principais princípios de higiene psíquica e física, cuja

observância pode curar o organismo humano não pior do que as práticas da hatha-ioga comum.

Mais ainda, na Agni Ioga contém-se uma metodologia inteira de tratamento e cura mental-psíquica do organismo e uma multitude de conselhos valiosíssimos sobre prevenção e tratamento das mais diversas doenças. É exatamente por isso que a Doutrina da Vida é agora tão popular na Rússia.

Finalmente, mais um aspeto, talvez o mais atual (e também o mais misterioso!) da Doutrina da Vida — são os conhecimentos nela contidos sobre o Apocalipse vindouro, sobre as mudanças naturais que aguardam a humanidade e a natureza da Terra num futuro próximo, e sobre o impacto que essas mudanças terão na saúde das pessoas…

Este aspeto é, talvez, o mais interessante, e era exatamente ele que Vanga sublinhava nas suas profecias sobre a Nova Doutrina.

POR QUE RAZÃO VEIO ATÉ NÓS A DOUTRINA DA VIDA

Ainda há pouco mais de um século, tanto os princípios básicos da doutrina da Agni Ioga como até as informações sobre a existência na Índia de uma obediência de ascetas-iogues fechada aos não iniciados, Shambhala, eram segredo selado com sete selos.

Por que razão os dirigentes de Shambhala, ou da Grande Fraternidade Branca (assim chamam Shambhala no Ocidente), violaram de repente o segredo multissecular e transmitiram ao mundo a sua doutrina secreta? A isso os Mestres foram impelidos pelo desejo de ajudar as pessoas a sobreviver ao período complexo de mudança de épocas cósmicas, chamado por nós Apocalipse…

O verdadeiro significado da Doutrina da Vida, ou Agni Ioga, foi revelado ao mundo pelos seus criadores, entre os quais Elena Ivanovna Roerich, que recebeu esta Doutrina dos Mestres Espirituais da Índia e criou com base nela os livros da doutrina da Agni Ioga, ou Ética Viva. Como escreve Elena Ivanovna, a transmissão ao mundo desta doutrina estava estreitamente ligada aos eventos vindouros da mudança de

épocas cósmicas na Terra. Fenómenos semelhantes acompanham-se sempre de mudanças naturais bruscas e grandes cataclismos. A chegada deste período complexo e dramático na vida da humanidade foi prevista por profetas dos tempos mais antigos. Especialmente muito se disse sobre estes tempos na Bíblia.

O grandioso evento da mudança de épocas foi descrito no bíblico «Apocalipse» («Revelação») de João o Teólogo. Desde então, o conceito de Apocalipse tornou-se sinónimo de fim do mundo. É verdade que na «Revelação» bíblica não se diz que os eventos vindouros terminarão obrigatoriamente com a morte da civilização humana, mas ao mesmo tempo diz-se que as vítimas entre a humanidade no período de mudanças globais podem ser grandes. Segundo as profecias de João, perecerá a terceira parte de toda a população da Terra.

O Apocalipse foi predito também por videntes de tempos mais próximos de nós, como Renio Nero, Nostradamus, Edgar Cayce. Sobre este evento falava também Vanga.

Em maio de 1979, Vanga predizia:

«O mundo sofrerá muitos cataclismos e fortes abalos. Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão pelo sinal da fé. Regressará a elas a mais antiga — a doutrina sábia».

(V. M. Sidorov)

Em vésperas das futuras mudanças naturais, os Mestres Espirituais do Oriente transmitiram ao mundo a Nova Doutrina, cujo principal objetivo consiste em preparar, na medida do possível, a consciência das pessoas para os eventos vindouros e, assim, reduzir ao mínimo o número de vítimas entre elas. Na doutrina da Agni Ioga não só se explica o que é a causa das mudanças naturais dos tempos apocalípticos, como se dão conselhos práticos e vitais sobre como sobreviver a esse período complicado, como preservar a saúde e ajudar os entes queridos a fazê-lo.

A GRANDE REVELAÇÃO

E. I. Roerich, ao falar da doutrina que recebeu do Senhor de Shambhala, o Mahatma M., não por acaso chamou-lhe o Grande Revelação — nesta doutrina foi realmente dado às pessoas um Revelação, ou seja, conhecimentos ainda desconhecidos sobre as novas energias que já agora chegam do Cosmos à Terra, e sobre os meios de as gerir.

Sobre os livros da nova doutrina de Shambhala, E. I. Roerich escrevia:

«Notou corretamente que o facto de os livros da Ética Viva serem dados em tal volume e com tais revelações indica a seriedade do momento».

De uma carta de E. I. Roerich de 10.10.34

O enorme significado mundial da Agni Ioga consiste em que esta doutrina fala do futuro, explicando as causas das mudanças naturais vindouras e transmitindo às pessoas conhecimentos inestimáveis sobre o que exatamente as ajudará a sobreviver nas novas condições naturais.

Por que é tão importante saber o que nos espera?

Como diziam os antigos romanos, «quem está prevenido está armado». A psique humana está organizada de tal modo que, se a pessoa não consegue compreender o que acontece à sua volta, de onde vem e para onde leva, pode simplesmente perder a vontade de lutar e sobreviver, enlouquecer de medo e da invulgaridade do que se passa.

Se os cataclismos e as doenças epidémicas — principais sinais do Apocalipse — realmente começarem em breve (e isso é bastante possível!), à humanidade ajudará antes de mais o conhecimento sobre o que exatamente está a acontecer no planeta, como tudo isso terminará e onde procurar salvação. E, nesse aspeto, melhor «prevenidos e armados» estarão as pessoas que se interessaram por problemas não só materiais, mas também espirituais. A Doutrina da Ética Viva contém conhecimentos exaustivos sobre aquilo com que nos defrontaremos num futuro próximo! Eis como se fala disso nas «Facetas da Agni Ioga»:

«O conhecimento do que se passa dá tranquilidade, pois foram prevenidos e preparados. Em perturbações súbitas, as pessoas inconscientemente e instintivamente voltam-se para o mais forte e agrupam-se à sua volta. O mesmo acontece em cataclismos cósmicos ou fenómenos cósmicos incompreensíveis e ameaçadores. Nestes últimos, a palavra explicativa será especialmente valiosa e necessária. Negar como que impunemente as Bases pode-se em condições comuns, mas, quando a terra tremer e sinais poderosos e incompreensíveis de fogo se manifestarem claramente, a negação, a ignorância e a escuridão já não ajudarão.

Então os olhares dos terrestres perturbados e desorientados começarão a procurar aqueles que os ajudarão a explicar a manifestação e o testemunho evidente e inegável daquilo que sempre negaram. E é preciso ir, e é preciso ajudar, e é preciso dissipar a névoa das negações e esclarecer a existência do indubitável. «Haverá iluminações sem fim». Mas muito se queimará. Muitas surpresas traz consigo o tempo que vem. Estão prontos para o enfrentar mesmo aqueles que sabem disso?».

Facetas da Agni Ioga. Vol. 2, 157.

Foi exatamente para que estivéssemos prontos para todas as surpresas e soubéssemos como enfrentá-las que nos foi dada a Doutrina da Vida.

POR QUE RAZÃO É NECESSÁRIO O APOCALIPSE

A misteriosa data do fim do famoso calendário dos antigos maias — o ano de 2012 — de modo algum significa o ano do fim do mundo, como alguns publicistas escreveram nos seus artigos e livros. É apenas a data do fim de uma época cósmica, ou ciclo, e o início de outra, nova época. Épocas ou ciclos cósmicos, nas doutrinas do Oriente, designam períodos de tempo enormes em duração. Assim, a última época, segundo cálculos dos maias, durou mais de 5000 anos.

Quem e por que razão dividiu toda a história da existência da Terra e da humanidade em ciclos? Segundo a doutrina da Agni Ioga, às antigas civilizações eram conhecidos certos degraus da evolução da humanidade, que coincidiam com esses ciclos temporais. Ou seja, cada mudança de ciclos cósmicos significa a entrada da humanidade num novo degrau da evolução cósmica. Ao mesmo tempo, ocorre a mudança de raças — tipos históricos da humanidade. Na filosofia esotérica, o conceito de raças significa algo diferente do entendimento comum moderno deste termo.

As raças «esotéricas» distinguem-se não só pela cor da pele ou sinais externos dos seus representantes, mas principalmente — pelo tempo do seu surgimento e existência na Terra, bem como pelos tipos espirituais e intelectuais da sua evolução e, finalmente, por sinais físicos. A doutrina esotérica distingue na Terra cinco raças principais. Sobre as duas primeiras praticamente nada sabemos. A terceira raça — os lemurianos, habitantes do arcaico continente Lemúria; a quarta raça — os atlantes, que povoavam a Atlântida; e a quinta raça — a nossa civilização contemporânea.

Segundo a filosofia esotérica do Oriente, a nossa raça surgiu há mais de um milhão de anos. (Naturalmente, a doutrina esotérica sobre raças não corresponde ao que diz sobre a história da humanidade a ciência histórica oficial.) O nosso tempo e a véspera de 2012 — é o tempo de mudança não só de épocas, mas juntamente com elas de raças humanas. A quinta raça deve começar a ser substituída por uma nova, mais espiritual e perfeita, a sexta. O processo de mudança de raças não ocorre ao longo de, digamos, uma ou duas gerações. Este processo dura milénios.

Por isso, é extremamente errado representar as mudanças apocalípticas na Terra como uma substituição mecânica de uma comunidade de pessoas por outra. A nossa quinta raça existirá na Terra ainda longos séculos. Mas, ao mesmo tempo, na Terra nascerão a cada ano mais representantes da nova, sexta raça, mais perfeitos e espirituais do que nós mesmos.

E os mensageiros da nova raça já apareceram no mundo! Agora chamam-lhes em todo o mundo crianças-índigo. Estas crianças possuem capacidades espirituais-psíquicas espantosas, paranormais — clarividência, clariaudiência, telepatia, etc. As crianças-índigo são estudadas por cientistas de muitos países do mundo, e muitos investigadores consideram que o aparecimento dos índigo significa que na Terra se forma uma nova raça de pessoas, mais perfeita do que nós mesmos.

Parece que Vanga também predizia o aparecimento na Terra de pessoas da nova raça.

CRIANÇAS-ÍNDIGO — A SEXTA RAÇA?

Vanga profetizava:

«Um novo e bom luz iluminará o ano de 1982 que se aproxima. À terra virão novas almas… Essas novas almas espalharão à sua volta misericórdia e esperança. Virão pessoas enriquecidas de conhecimentos».

Elei em grego significa «misericórdia», e em sentido figurado — consolação, iluminação. Ainda antes do início de 1982, Vanga predisse o aparecimento na Terra de novos espíritos, «pessoas enriquecidas de conhecimentos»! E só nos anos noventa se tornou claro que na Terra aparecera um número significativo de crianças diferentes das outras. É interessante que o nome «índigo» foi dado a estas crianças pela psicóloga-vidente e bioenergoterapeuta Nancy Ann Tappe, que conseguiu ver a cor da aura destas crianças — as suas auras distinguem-se das auras de outras crianças por uma cor azul intensa.

Vanga também aqui não se enganou! E, no entanto, nesta profecia, foi antecipada pelos Mestres de Shambhala e os seus colaboradores.

Já em 1934, E. I. Roerich notava nas suas cartas:

«O tempo que a nossa humanidade terrestre vive é o tempo de transição de uma evolução, na qual se desenvolvia o intelecto, para a evolução da espiritualidade, quando o espírito começará a prevalecer

sobre o intelecto, e esta transição realiza-se na mudança de raças. Assim, a sexta raça começa a entrar nos seus direitos. (…) Exatamente, a sexta raça deve iniciar uma nova era, e pesado é este período de preparação. Mas não se deve pensar que a sexta raça nasce numa só país ou nacionalidade, ela está amplamente espalhada. Naturalmente, há sempre um núcleo principal dela…».

Roerich E. I., de uma carta de 23.06.34.

E em 1964, o discípulo de N. K. Roerich, Boris Abramov, que também recebia mensagens espirituais-telepáticas dos Mestres de Shambhala, registou:

«…já entre as pessoas comuns aparecem precursores da sexta raça, dotados de sentimentos subtis mais desenvolvidos. E eles, multiplicando-se em número, iniciarão o desenvolvimento planificado da sexta raça».

Facetas da Agni Ioga. Vol. 5, 1.

Os investigadores do fenómeno índigo consideram que há mais destas crianças em três países do mundo: EUA, Rússia, China. Exatamente para elas, em primeiro lugar, foi dada a Doutrina da Vida, que contém conhecimentos sobre as bases espirituais e os segredos do universo.

Na Agni Ioga, além de conselhos simples, compreensíveis e úteis para todos, há também uma doutrina filosófica profunda sobre o mundo e o ser humano. Muitas pessoas consideram esta parte da Agni Ioga complexa, não acessível a todos. Porquê?

Talvez porque foi dada à humanidade muitos milhares de anos à frente, contando com um novo tipo de consciência mais perfeito e espiritual da nova raça.

Naturalmente, às pessoas da nossa raça é preciso esforçar-se para compreender as bases filosóficas da Doutrina da Vida e aplicá-las com proveito para o desenvolvimento da sua consciência.

Como escrevia E. I. Roerich,

«Na mudança de raças é sempre dado um Grande Revelação, e, como sempre, apenas as pessoas cujo consciência já pertence ao degrau seguinte de desenvolvimento ou à raça vindoura podem percebê-lo plenamente. Os restantes aproveitarão na medida do possível».

Roerich E. I. De uma carta de 23.06.34.

Mas aqueles que puderem aproveitar esta doutrina receberão nas mãos uma chave maravilhosa para muitas possibilidades na vida!

...GRAÇAS A ELA AS PESSOAS SALVAR-SE-ÃO

Filosófico-esotérica na forma, a Doutrina da Vida é muito prática e vital na essência e no conteúdo. Como já se disse, nela se fala dos melhores modos de resolver muitos problemas da vida, dão-se recomendações práticas para cura pessoal e saudação pessoal. O significado destes conselhos muitas pessoas que se familiarizaram com a doutrina dos Roerich já avaliaram. A um número ainda maior de pessoas cabe fazê-lo no futuro.

Em nenhuma doutrina filosófica do mundo há predições tão detalhadas sobre o que espera a humanidade no futuro, e, naturalmente, nenhum profeta do mundo possuía tais conhecimentos relativamente ao que ajudará as pessoas a sobreviver ao tempo ameaçador da mudança de épocas cósmicas.

Acrescente-se a isso que muitas predições dos Mestres de Shambhala sobre o futuro já se cumpriram!

Foi exatamente por isso que Vanga, com a sua visão espiritual «vendo» o enorme valor desta Doutrina para todo o mundo, lhe atribuía tanta importância.

Valentin Sidorov escreve no seu livro:

«Vanga era uma pessoa profundamente crente. Observava escrupulosamente todos os ritos ortodoxos. Censurava até o clero

búlgaro por, ao contrário do russo, terem passado para o novo estilo calendário, quebrando a sucessão habitual das festas religiosas. E, no entanto, apesar do que professava — isto costumava acontecer após uma breve imersão em estado de transe —, declarava:

— Todas as religiões cairão. Ficará apenas uma: a Doutrina da Grande Fraternidade Branca. Como uma flor branca, cobrirá a Terra, e graças a ela as pessoas salvar-se-ão».

(V. M. Sidorov)

Naturalmente, as palavras de Vanga sobre a queda de todas as religiões não podem entender-se no sentido de que elas desaparecerão completamente. A vidente, muito provavelmente, queria dizer que a influência das religiões na consciência das pessoas no futuro diminuirá e elas não ocuparão um lugar tão autossuficiente na sua vida — especialmente nas suas manifestações negativas.

Em princípio, não é preciso ser profeta para compreender que no desenvolvimento futuro da civilização muitos resquícios religiosos e superstições deixarão de influenciar a consciência das pessoas tão fortemente como agora. Graças a isso, finalmente cessará o principal pesadelo e vergonha da humanidade — as guerras religiosas e perseguições. Num mundo renovado e mais espiritual, tornar-se-ão simplesmente impensáveis todas as formas de manifestação do fanatismo religioso, desde o terror por fundamentalismo religioso até à existência de seitas totalitárias que entorpecem a consciência das pessoas.

Aumentará o significado de novas formas seculares de espiritualidade. A ciência tornar-se-á mais espiritualizada, e os cientistas — mais inclinados ao diálogo com a religião, como sonhava outrora Teilhard de Chardin, cientista e padre. Na Doutrina da Vida diz-se que as religiões também passarão por uma purificação moral, as novas gerações de clérigos purificarão das camadas posteriores as bases verdadeiras e iniciais das religiões, dadas pelos Grandes Mestres e Profetas da humanidade.

Quanto à própria Doutrina da Vida, os seus autores nunca e de modo algum pretenderam «substituí-la» às religiões, pois esta doutrina em si não é uma religião. A Agni Ioga desperta a cada ano maior interesse em todo o mundo, mas ninguém, em nenhum país do mundo, viu ainda uma «Igreja da Ética Viva» ou sacerdotes — agni-iogues. Tal coisa em princípio não pode existir, porque a Doutrina da Vida é uma doutrina filosófica, não religiosa. Os livros da Agni Ioga são lidos por seguidores de diferentes religiões, encontrando neles uma multitude de coisas úteis e necessárias, desde a resolução de problemas espirituais até conselhos para reforçar a saúde. E nesta doutrina não há nada que contradiga as bases das religiões mundiais, porque todas as religiões mundiais nas suas bases ensinam as pessoas o mesmo.

«A NOVA DOUTRINA VIRÁ DA RÚSSIA»

«A Nova Doutrina virá da Rússia — profetizava Vanga. — A Rússia será pura, na Rússia estará a Grande Fraternidade Branca. Daqui a Doutrina começará a sua marcha por todo o mundo».

(V. M. Sidorov)

É exatamente com esta doutrina que está ligada a grande missão espiritual que está destinada à Rússia no futuro e que foi prevista por muitos profetas e ascetas espirituais de diferentes países do mundo.

O grande profeta americano Edgar Cayce dizia que à Rússia está destinada do Alto uma missão espiritual de significado mundial. «A missão dos povos eslavos consiste em mudar a essência das relações humanas, libertá-las do egoísmo e das paixões materiais grosseiras, restabelecê-las numa nova base — no amor, na confiança e na sabedoria», afirmava o vidente.

Como escrevia Cayce, «da Rússia virá ao mundo a esperança — não dos comunistas, não dos bolcheviques, mas de uma Rússia livre! Passarão anos antes que isso aconteça, mas exatamente o desenvolvimento religioso da Rússia dará esperança ao mundo».

O conceito generalizado de «desenvolvimento religioso da Rússia» nas palavras de Cayce significava claramente o florescimento espiritual do país. Mas o florescimento espiritual do país não ocorre graças à elevação da religião oficial, mas exatamente graças à mudança da consciência das próprias pessoas, ao seu aperfeiçoamento espiritual.

Elena Ivanovna Roerich ligava o futuro renascimento espiritual de todo o mundo antes de mais ao renascimento da Rússia:

«O renascimento da Rússia é o renascimento de todo o mundo. A ruína da Rússia é a ruína de todo o mundo. Alguém já começa a compreender isso. Embora ainda recentemente todos pensassem o contrário, exatamente que a ruína da Rússia era a salvação do mundo. (…) A Rússia passa por uma grande prova, e a sua lição aprenderá antes de muitos outros».

De uma carta de E. I. Roerich de 17.12.35.

E Vanga ligava o florescimento espiritual da Rússia à afirmação nela da Nova Doutrina! Sob a «Grande Fraternidade Branca»[1] na Rússia, a vidente, naturalmente, entendia os verdadeiros seguidores da Nova Doutrina — portadores de uma nova consciência mais espiritual, que, propriamente, serão capazes de tornar a Rússia líder de todo o mundo no processo de renascimento espiritual de toda a civilização. Aparentemente, esse papel estará destinado às novas gerações de russos.

«NOVAS CONDIÇÕES»

Segundo a opinião de Vanga, no planeta deviam surgir novas condições, cuja chegada a vidente, por algum motivo, ligava à Nova Doutrina. Como escrevia V. M. Sidorov,

[1] O conceito de Grande Fraternidade Branca não tem nada a ver com a seita totalitária que se apropriou do mesmo nome, que atuou nos anos 80 do século XX principalmente no território da Ucrânia. — Nota do autor.

«Apesar de todo o otimismo global da baba Vanga, nas suas profecias surgiam aqui e ali notas apocalípticas. Dizia que cada povo

tem a sua estrela, que o satura de energia luminosa. Contudo, há exceções. Alguns povos, dizia ela, não têm estrela, mas um planeta. Pois bem: a Nova Doutrina (segundo palavras de Vanga, «branca-branca, como a neve») criará novas condições (segundo palavras de Vanga, «tudo ficará branco-branco, como leite»), nas quais esses povos não poderão sobreviver, pelo menos espiritualmente. Numa atmosfera invulgar para eles, como que sufocarão. O povo que, em vez de estrela, tem um planeta ou — o que é o mesmo — uma estrela extinta, extinguir-se-á também, afirmava Vanga, como uma vela num vento demasiado forte»[1].

(V. M. Sidorov)

Os povos da Rússia tiveram sorte. Nós temos a nossa «estrela», como dizia Vanga a esse respeito, e a Nova Doutrina veio em primeiro lugar para a Rússia! Foi transmitida a todo o mundo, mas exatamente na língua russa. E aceitaram esta doutrina dos Grandes Mestres Espirituais do mundo exatamente pessoas russas — primeiro Elena Petrovna Blavatsky, e depois a família Roerich.

Notando nas suas cartas o enorme papel da Agni Ioga na história futura de todo o planeta, E. I. Roerich sublinhava mais um detalhe: a nova, a mais moderna Doutrina de Shambhala foi dada ao mundo na língua russa! Na Agni Ioga diz-se:

«(…) ao estudar as Instruções, deve ter-se em conta não só o seu conteúdo, mas também a língua em que são dadas: a Doutrina é dada não sem razão numa determinada língua. Pode investigar-se todas as doutrinas desde tempos antigos e compreender que a língua dada mostra a qual povo cabe manifestar o degrau de ascensão. Às vezes pensam que o Ensino é dado na língua mais próxima do receptor, mas tal explicação é insuficiente. É preciso observar as causas em toda a sua plenitude. Nada acontece por acaso. O recetor da Doutrina não é casual, e a língua é escolhida por necessidade. Pode ver-se como as Instruções eram dadas em diferentes línguas, e sempre essas condições correspondiam a muitas circunstâncias importantes, que tinham significado mundial. Assim, a língua em que é dada a Doutrina é uma espécie de dádiva a um povo conhecido. Não pensem que com isso a

Doutrina perde o significado mundial. Cada verdade é universal, mas cada período tem a sua tarefa e cada povo a sua obrigação».

Roerich E. I. De uma carta de 02.07.39.

Mas o que exatamente queria dizer Vanga ao falar de «novas condições» que a Nova Doutrina devia criar? Quando «tudo ficará branco-branco, como neve»… Como entender isso?

Naturalmente, a Doutrina sozinha não pode criar novas condições no planeta. Vanga, muito provavelmente, expressou-se simplesmente de modo metafórico neste caso.

As novas condições no planeta serão criadas, mas não pela doutrina, e sim pelas mudanças naturais, que se tornarão a principal causa dos eventos apocalípticos — a mudança de épocas cósmicas e raças. Em que consistirão concretamente essas mudanças naturais?

A esta pergunta pode responder-nos apenas uma doutrina no mundo — exatamente essa Doutrina da Vida que Vanga chamou de Bíblia de Fogo e sobre a qual disse que graças a ela as pessoas se salvarão.

O que ela nos diz sobre os tempos futuros e o Apocalipse?

Em 1934, Elena Ivanovna Roerich escrevia:

«A grande purificação de fogo aproxima-se. Por isso é tão importante purificar o pensamento e o coração e tentar assimilar[1] os fogos espaciais».

Roerich E. I. De uma carta de 23.06.34.

Segundo a opinião dos criadores da Agni Ioga, as mudanças naturais bruscas que ocorrerão na viragem do terceiro milénio serão causadas antes de mais pela mudança da energética espacial e pela chegada à Terra de novas energias cósmicas.

Essas energias terão natureza positiva, harmoniosa, e o seu impacto poderá purificar o campo energético do nosso planeta de todas as camadas prejudiciais que nele se acumularam durante todo o tempo da última época cósmica.

Provavelmente, por isso Vanga disse que tudo ficará «branco-branco, como leite», referindo-se à natureza pura e espiritual dessas energias.

A doutrina da Agni Ioga a profetisa búlgara chamou de «branca, como neve» também porque é espiritual e pura na sua essência.

[1] Assimilar — assimilar, perceber. Fala-se da capacidade do organismo e da consciência do ser humano de perceber e processar harmoniosamente as novas energias cósmicas que chegam à Terra já agora e cuja chegada se intensificará significativamente na época do Apocalipse. — Nota do autor.

Mas apesar de as novas energias serem puras e harmoniosas, a sua chegada à aura, ou campo energético, do nosso planeta provocará na natureza cataclismos naturais, e na sociedade humana — epidemias de doenças perigosas.

Por que razão acontecerá assim?

Porque na Terra inevitavelmente surgirá uma incompatibilidade entre a energia pura e espiritual dos raios cósmicos que chegam ao planeta e a energética negativa das camadas circunterrestres. E quem poluiu a natureza com essa energética? Fomos nós, as pessoas! Os nossos pensamentos e sentimentos são energéticos na sua base. Quando pensamos em algo ou sentimos certas emoções, do nosso biocampo irrompem no espaço energias de determinada qualidade, positivas ou negativas, dependendo do que exatamente pensamos ou sentimos.

Investigações científicas modernas confirmaram a doutrina da Ética Viva sobre a existência de energia psíquica e sobre o facto de os pensamentos e sentimentos das pessoas representarem tipos poderosos de energias. Irradiadas pela consciência do ser humano, as energias dos pensamentos e sentimentos acumulam-se na sua aura (biocampo) e no espaço circundante. Ao mesmo tempo, sentimentos e pensamentos positivos — amor, benevolência, compaixão — exercem sobre tudo o que rodeia, incluindo a própria pessoa, um impacto benéfico, harmonioso. E, pelo contrário, a energética de manifestações

psíquicas negativas — raiva, avareza, agressão — tem caráter negativo, prejudicial. O seu impacto destrutivo afeta não só o ambiente circundante, mas também a saúde do seu «produtor» — a própria pessoa.

E imaginem o que acontece: no biocampo do ser humano estão muito frequentemente presentes pensamentos e sentimentos negativos — ofensa, raiva, inveja, irritação. E se ele próprio não sente experiências negativas, isso é feito com sucesso pelos seus entes queridos, amigos, vizinhos e simplesmente as pessoas que o rodeiam. Resulta que, de uma forma ou de outra, a aura de cada um de nós está cheia de uma quantidade considerável de energias negativas.

E, por outro lado, do espaço derrama-se sobre as nossas cabeças um fluxo inteiro de energias cósmicas invisíveis e impercetíveis para nós com carga positiva, harmoniosa. A incompatibilidade entre a carga negativa do nosso biocampo e a carga positiva dos raios cósmicos que chegam ao planeta no futuro criará um desequilíbrio energético no nosso biocampo e afetará muito mal o estado físico do ser humano. Isso expressar-se-á no surgimento de novos tipos de doenças, bem como na ampla disseminação de várias infeções virais.

Afinal, a imunidade depende antes de mais da vitalidade geral do organismo, e esta, por sua vez, é determinada pela quantidade de energia vital que há no nosso biocampo. E de onde virá essa energia vital, se é literalmente devorada pelos próprios pensamentos e sentimentos negativos da pessoa, que se acumulam anos a fio no seu biocampo-aura? E ainda por cima o efeito destrutivo da incompatibilidade da energética do nosso biocampo com as vibrações das novas energias cósmicas que enchem o espaço à nossa volta!

Foi exatamente por isso que na Agni Ioga se diz que uma das principais manifestações do Apocalipse serão epidemias de doenças infeciosas.

E a segunda manifestação típica do Apocalipse serão cataclismos e catástrofes naturais. Afinal, não basta que tenhamos envenenado com os nossos pensamentos negativos o próprio biocampo — ainda

saturámos com energia negativa do nosso pensamento toda a natureza. A energia dos pensamentos e sentimentos não desaparece no espaço com o tempo, acumula-se nele, como uma bola de neve! Que importa que não se veja a olho nu — a radiação de uma explosão nuclear também não é visível no espaço, mas o seu impacto não se torna menos mortal por isso!

Na Ética Viva diz-se que a incompatibilidade entre as novas energias cósmicas e a energética negativa das camadas circunterrestres gerará e já gera vários cataclismos naturais — terramotos, erupções vulcânicas, oscilações climáticas destrutivas, inundações e furacões. A situação complica-se significativamente pela fase perigosa da crise ecológica global. Sobre as suas consequências alertavam o mundo os autores da Doutrina da Vida. Falava disso também Vanga.

Vanga profetizava ao mundo muitos cataclismos e abalos. «Tudo o que está escrito na Bíblia cumprir-se-á! — dizia ela. — Vem aí o Apocalipse».

Em 1995, disse:

«Sabem o que nos espera dentro de alguns anos?

Terramotos, incêndios, inundações e outras desgraças, das quais sofrerão muitas pessoas. As desgraças acontecerão por todo o lado, afetarão todos os povos…

As pessoas serão menos no mundo. A carne de ovelhas,

vacas e cabras não poderá ser consumida. E

vocês não querem pensar em nada e não veem o que

vos espera.

As pessoas andarão sem sapatos e sem roupa,

viverão sem comida, combustível e luz».

E eis o que dizia a vidente sobre a crise ecológica e a perigosa poluição do ambiente em resultado da atitude negligente do ser humano para com a natureza:

«Não abusem de fertilizantes químicos,

a natureza já sufoca com eles. Chegará o dia em que

da Terra desaparecerão várias plantas e animais…

Primeiro a cebola, o alho e a pimenta. Depois desaparecerão

as abelhas, e o leite tornar-se-á prejudicial para beber».

«Todo o ouro que agora está debaixo da terra sairá à superfície, e a água irá para debaixo da terra».

Vanga prognosticava também escassez de água potável.

Dizia:

«A água tornar-se-á mais cara do que o ouro». «Engarrafem

água».

Como quer que seja, em grande parte o Apocalipse criamo-lo nós mesmos!

Os autores da Ética Viva sublinham que o tempo do Apocalipse levará a vítimas entre as pessoas não porque as novas energias cósmicas que chegarão à Terra sejam más na sua natureza, mas porque as pessoas mesmas poluíram os seus próprios biocampo e a natureza que as rodeia com energia negativa de um pensamento egoísta, baixo do ponto de vista espiritual. Além disso, provocaram uma crise ecológica global com a sua atitude irrefletida e predatória para com a natureza.

Como ocorrerá o Apocalipse? Em que se expressará?

«NÃO A PAZ, MAS A ESPADA…»

A ideia de um Apocalipse «energético» não é assim tão nova. Em profecias antigas de muitos povos do mundo falava-se de que na hora marcada um certo fogo celestial viria do Cosmos à Terra para a purificar da impureza. Sob «fogo celestial» nas fontes antigas, naturalmente, entendiam-se as energias cósmicas superiores. Na Agni Ioga, a

energética cósmica superior também se chama «fogo». A palavra sânscrita «Agni», que figura no segundo nome da doutrina da Ética Viva — Agni Ioga — significa «fogo».

A ideia da chegada à Terra de novas energias cósmicas encontrou reflexo também na conhecida afirmação evangélica de Cristo:

«Fogo vim lançar à terra, e que quero eu, senão que já arda!»

As antigas tradições sobre o fogo purificador cósmico, lançado à terra para destruir todo o mal e libertar o mundo da impureza, não são assim tão ingénuas como parece à primeira vista. Às vezes, basta substituir a palavra «Fogo» pela palavra «energia» para que os mais antigos tratados filosóficos falem connosco numa linguagem quase de conceitos científicos.

Seja como for, a mudança da energética espacial não pode deixar de exercer um certo impacto na humanidade. Em que consistirá esse impacto?

Como se sabe, qualquer alteração da energética cósmica — começando pelas erupções solares — provoca uma reação correspondente tanto na psique como em todo o organismo humano.

O reforço das energias espaciais, que ocorrerá sob a influência dos fatores naturais «apocalípticos» (nos quais, aliás, a energética solar terá um papel não pequeno), exercerá um impacto poderoso na saúde de cada pessoa concreta. Sob a influência das novas ondas espaciais, a tensão energética do biocampo de cada ser humano intensificar-se-á bruscamente. E com ela intensificar-se-ão também as qualidades morais de cada pessoa.

Afinal, os pensamentos e sentimentos habituais para cada um de nós, que em grande medida determinam as nossas qualidades morais, também são energias. Resulta que as energias do Cosmos reforçarão aquelas energias que se encontram no nosso biocampo-aura. E sob a influência deste duplo impacto energético, começarão a ocorrer mudanças nas pessoas!

Como se diz na Ética Viva, o primeiro estágio da mudança da bioenergética das pessoas expressar-se-á numa manifestação reforçada das verdadeiras qualidades espirituais-morais de cada um de nós. Por outras palavras, todo o potencial moral-ético do ser humano manifestar-se-á já não só nos seus pensamentos e sentimentos, mas também no seu modo de vida e comportamento, ou seja, em ações concretas. Lembram-se do que profetizava Vanga?

«Em breve na vida das pessoas sobrevirão grandes mudanças. As pessoas mudarão até ficarem irreconhecíveis. Novos tempos são marcados por muitos sinais, que começarão a manifestar-se em 1990… Cidades e aldeias ruirão devido a terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, as pessoas más vencerão, e haverá incontáveis ladrões, delatores e prostitutas».

(V. M. Sidorov)

«Ligações inconstantes e duvidosas surgirão entre as pessoas e desfar-se-ão, sem conseguirem consolidar-se, logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão completamente, e apenas a simulação, a vaidade e o egoísmo estimularão as relações».

(V. M. Sidorov)

«Às vezes vejo uma imagem que terá lugar também na Bulgária: as pessoas afundar-se-ão na depravação e começarão a copular diretamente nas ruas. Se soubessem o preço que terão de pagar por isso — nunca chegariam a tal».

Vanga predizia que no nosso tempo no planeta haverá muitos conflitos, choques, alienação mútua e hostilidade:

«Orai para que Deus poupe o ser humano, pois ele enlouqueceu na sua inimizade ao próximo».

«A guerra estará por toda a parte, entre todos os povos… »

Na doutrina da Agni Ioga, o tempo de uma divisão tão brusca das pessoas pelos polos do bem e do mal foi chamado Armagedão, pelo nome da batalha bíblica do bem e do mal.

Ainda muito antes das profecias de Vanga, Elena Ivanovna Roerich escrevia sobre estes tempos difíceis:

«O Armagedão não pode entender-se apenas como uma guerra física. O Armagedão está cheio de perigos inumeráveis. As epidemias estarão entre os menores desastres. O principal efeito pernicioso será na perversão psíquica. As pessoas perderão a confiança, habituar-se-ão a sofisticar-se no dano mútuo, aprenderão a odiar tudo o que existe para além da sua morada, cairão na irresponsabilidade e afundar-se-ão na depravação»[1].

De cartas de E. I. Roerich

[1] Roerich E. I. De uma carta de 10.09.38.

Isso acontecerá porque, sob a influência de poderosas energias cósmicas, a essência moral das pessoas manifestar-se-á com força especial. Aqueles que tendiam para o mal tornar-se-ão ainda piores do que eram antes. Mas, em compensação, aqueles que tendiam para o bem tornar-se-ão ainda mais bondosos e puros!

É verdade que, no primeiro tempo, quando na Terra se manifestar de repente tanto mal, às pessoas boas e luminosas será difícil… Mas o que fazer!

Este processo de divisão de toda a humanidade pelos polos do bem e do mal na Doutrina da Vida é chamado polarização. Os autores da Agni Ioga sublinharam especialmente que as profecias sobre aqueles tempos, quando a cada pessoa caberá escolher de que lado ficar — do lado do bem ou do mal —, foram dadas às pessoas há 2000 anos, e sobre isso se fala nos evangelhos. Quando Cristo disse: «Não vim trazer paz à terra, mas espada», referia-se à espada de divisão e confronto entre o bem e o mal.

Ao fazer a escolha entre o bem e o mal, a pessoa assim realiza ela própria o último, ou Terrível, Juízo sobre si mesma, pois da sua escolha depende todo o seu futuro. Se antes havia tais «não alinhados», que não conseguiam manifestar a sua natureza moral num polo qualquer e oscilavam de um para o outro, as novas condições naturais obrigarão

inevitavelmente todos e cada um a manifestar as suas qualidades morais de modo definido — e a aderir ou ao polo do bem, ou ao polo do mal. E então entre os luminosos e os sombrios estender-se-á uma linha divisória invisível, ou… a espada divisória — segundo as palavras de Cristo. Segundo os autores da Agni Ioga, Cristo disse isso exatamente sobre a divisão vindoura das pessoas pelos polos da luz e das trevas, do bem e do mal.

Na Agni Ioga diz-se que o Juízo Superior sobre a humanidade, «prometido» por todas as religiões, representa na realidade a divisão da sociedade pelos polos da luz e das trevas e a subsequente retribuição a cada pessoa pela escolha por ela realizada:

«…agora é o tempo da grande divisão e todas as pessoas se distribuem pelos polos da Luz e das trevas. A espada divisória que o Senhor Trouxe não é um símbolo, mas realidade, e já não só daquele tempo passado, mas também do presente. Este é o Juízo que cada um realiza sobre si mesmo. Realiza-o ele próprio, pois cada um tem em si um juiz. O tempo da grande divisão é o tempo do Juízo. Da decisão e escolha da pessoa de ficar do lado da Luz ou das trevas depende todo o seu futuro, pois a humanidade encontra-se na quebra do mundo antigo e na transição da Kali Yuga[1], Yuga das trevas, para a Satya Yuga[2], Yuga da Luz».

Sobre este episódio dramático das mudanças apocalípticas na sociedade fala-se também noutros ditos evangélicos:

«E serão reunidas diante Dele todas as nações; e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos…»

Mateus, 25:32.

A época de divisão da humanidade pelos polos do bem e do mal foi prevista não só pelo autor do bíblico «Apocalipse» João, mas também por videntes de tempos mais próximos de nós, em particular Renio Nero. Escrevia que nos tempos apocalípticos o mundo dividir-se-á em pretos e brancos — muito provavelmente, falava-se exatamente dessa divisão.

Nas notas do discípulo de N. K. Roerich, B. Abramov, diz-se:

«(…) como separar as ovelhas dos cabritos no processo da grande e última divisão da humanidade, sem dar possibilidade a todos de revelar o seu verdadeiro rosto, e manifestar a sua essência, e decidir o seu destino já para todo o tempo futuro. Eis por que agora do fundo sobem todos os detritos da humanidade, para que tudo o que é capaz se mova adiante, e o que não pode ascender mergulhe nas trevas de onde subiu, e da planeta parta. Nas novas condições, aos sombrios não haverá lugar no planeta».

Facetas da Agni Ioga, tomo 7, 376.

Após o primeiro estágio preliminar da «limpeza» apocalíptica, seguir-se-á o segundo, conclusivo.

O segundo estágio da reorganização do mundo «sancionada» pelo Cosmos afetará já não só as condições espirituais-psíquicas, mas também as condições físicas de vida das pessoas. Isso consistirá em que às pessoas que escolheram para si o caminho do bem e que carregam na sua consciência pensamentos e sentimentos luminosos (e como consequência — energias positivas!), as novas energias cósmicas darão um poderoso impulso criativo — o apoio da própria natureza. Elas poderão não só continuar a sua existência nas condições naturais alteradas, mas também reforçar a sua saúde.

Mas os membros da sociedade que se colocaram no caminho do egoísmo e do mal não poderão continuar a sua existência nas condições de energética alterada.

Vanga predizia que muitas pessoas perecerão de várias desgraças, doenças e cataclismos. Quanto a quem está destinado a salvar-se e quem a perecer, disse, propriamente, o mesmo que se diz na Agni Ioga:

«Os bons sobreviverão, e os maus, que se consideram inteligentes, perecerão. Muitíssimos perecerão».

Como sempre, em cataclismos naturais, haverá também vítimas inocentes das perturbações apocalípticas. Na Agni Ioga diz-se que vítimas das mudanças naturais podem tornar-se também pessoas boas,

mas que, por alguma razão, não desenvolveram em si um potencial suficiente de energia vital (na Agni Ioga chama-se-lhe psíquica). E exatamente pelo seu potencial será determinada a possibilidade do ser humano sobreviver em condições naturais que mudam bruscamente.

A julgar pelas predições de muitos videntes (incluindo Vanga), tais podem ser muitos.

Foi exatamente por isso que na Doutrina da Vida às pessoas é dada todo um sistema de conhecimentos sobre como reforçar o potencial de energia psíquica dado ao ser humano pela natureza, o que deve ser a base do seu reforço e desenvolvimento.

OS CATACLISMOS VINDOUROS

Ao prognosticar na Terra desgraças e cataclismos, Vanga, no entanto, disse que os cataclismos não afetarão todos de imediato, no planeta haverá focos separados de desastres.

O mesmo afirmava nas suas profecias sobre o Apocalipse Edgar Cayce. Dizia que as terríveis destruições apocalípticas não afetarão todos os países.

Segundo a Doutrina da Vida, a Rússia tornar-se-á um dos lugares mais seguros do mundo no período das mudanças apocalípticas no planeta. O mesmo se refere ao centro da Ásia.

Como escrevia E. I. Roerich:

«O centro da Ásia nunca foi afetado por qualquer cataclismo e por isso sempre existiu e existirá até ao fim da nossa Manvantara».

De uma carta de E. I. Roerich de 27.08.38.

Edgar Cayce dizia que a placa continental em que se encontra a maior parte da Rússia será a mais estável e os cataclismos sísmicos praticamente não a afetarão. O centro da futura civilização o vidente americano considerava a Sibéria Ocidental. Sobre estes lugares «protegidos» fala-se muito também na doutrina da Agni Ioga. A Sibéria

e o Altai os Roerich consideravam a parte mais secreta do nosso país, o centro do futuro renascimento espiritual da Rússia.

NOVAS DOENÇAS

Mais complicado será com as doenças. Se dos cataclismos os habitantes da maior parte da Rússia conseguirem evitar-se, das doenças vindouras não há como escapar.

Mesmo a gripe comum, conhecida por todos nós não por ouvir dizer, nos tempos apocalípticos pode causar grandes desgraças. Vários vírus — agentes causadores de doenças infeciosas — sob o impacto de poderosas energias cósmicas obterão a capacidade de multiplicar-se intensamente e, além disso, mutar, criando novos tipos, atrás dos quais a ciência médica não será tão fácil acompanhar na busca de novos tipos de vacinas.

E afinal há doenças mais terríveis do que constipações!

Ao predizer o aparecimento do VIH/SIDA em 1981, Vanga disse que contra esta doença os médicos criarão um medicamento. Mas a desgraça é que depois aparecerão novas doenças, que se revelarão ainda mais perigosas do que o SIDA.

«Encontrarão medicamento contra o SIDA, será de ferro, pois é exatamente ferro que falta no organismo humano. Mas virá outra doença, mais terrível do que o cancro e o SIDA».

Estas palavras Vanga pronunciou em estado de transe, no templo de santa Petka em Rupite, em 1995.

Sobre novas doenças que podem levar a grandes vítimas, Vanga falava ainda mais categoricamente:

«Aparecerá uma multitude de doenças até agora desconhecidas — afirmava Vanga. — As pessoas sem razões visíveis cairão nas ruas, mesmo que antes não adoecessem com nada». Ao mesmo tempo, a vidente afirmava que isso ainda pode ser evitado, tudo está nas mãos das pessoas.

Outros videntes e profetas também prediziam o aparecimento de perigosas novas doenças que podem levar muitas vidas humanas.

A vidente venezuelana María Esperanza falava do aparecimento de um novo vírus, que será muito mais perigoso do que o SIDA. Desta doença as pessoas perecerão em contados dias. Falava também de que em breve após o aparecimento desta nova doença serão criados preparados contra ela e contra o SIDA, mas a população do planeta até lá terá diminuído significativamente.

Matrona de Moscovo também profetizava: «Sem guerra todos morrereis, haverá muitas vítimas, todos mortos na terra jazereis. À noite todos estareis na terra, e de manhã levantar-vos-eis— e tudo irá para a terra».

Então o que nos ameaça? Que doenças desconhecidas se abaterão sobre as pessoas e por que razão?

A resposta a estas perguntas pode encontrar-se apenas na Doutrina da Agni Ioga. E nesta mesma doutrina fala-se sobre como evitá-las e o que se tornará o principal meio de cura destas doenças[1].

Aliás, mais um vidente eslavo, o sérvio Mitar Tarabić, sobre a perigosa nova doença que pode levar muitas vidas, dizia:

«Uma doença afetará todo o mundo, e ninguém conseguirá curá-la. Alguns dirão: «Eu sei, eu sei fazer, sou cientista e superei todas as ciências», mas ninguém poderá fazer nada. As pessoas correrão e procurarão, mas não encontrarão medicamento, e ele, com a ajuda de Deus, estará ao lado delas e nelas mesmas».

Aproximadamente o mesmo se diz na Doutrina da Vida. O principal meio de cura de todas as doenças da época apocalíptica estará no próprio ser humano! É preciso apenas saber como utilizá-lo.

[1] Sobre a natureza das novas doenças, chamadas «de fogo», e sobre as causas das epidemias vindouras fala-se no livro de A. Marianis «2012: Apocalipse de A a Z». M., EKSMO, 2009. — Nota do editor.

Na Ética Viva está exposta uma doutrina inteira sobre o que salvará as pessoas das novas doenças e as ajudará a adaptar-se às novas

energias espaciais. Sobre isso falaremos obrigatoriamente no nosso futuro livro sobre Vanga e a doutrina dos Roerich[1].

O QUE SERÁ DEPOIS. O FUTURO DA RÚSSIA

Vanga deixou ao mundo uma predição também sobre os prazos do Apocalipse. A esse respeito dizia:

«Vem aí o Apocalipse. Então vocês não viverão, mas os vossos filhos viverão!»

Propriamente, não falta esperar assim tanto…

Seja como for, não vale a pena pensar que o Apocalipse e a mudança de épocas cósmicas terão apenas consequências negativas. Eis o que disse Vanga relativamente à época futura que se seguirá aos cataclismos apocalípticos:

«Digo a todos que a nossa consciência mudará,

as pessoas tornar-se-ão mais bondosas. O novo tempo exige

um novo pensamento, uma consciência diferente, pessoas completamente novas, para não violar a harmonia no Universo».

(V. M. Sidorov)

E finalmente, especialmente otimistas eram os prognósticos de Vanga sobre o futuro da Rússia.

[1] Refere-se ao livro em preparação de A. Marianis «As profecias de Vanga e a doutrina dos Roerich. Como tornar-se saudável e bem-sucedido». — Nota do editor.

Sobre o futuro da Rússia, Vanga dizia:

«Não existe força que possa quebrar a Rússia.

A Rússia desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á.

Foram oferecidos sacrifícios demais. Ninguém poderá

parar a Rússia. Tudo varrerá do seu caminho e não só

se preservará, mas tornar-se-á senhora do mundo».

A mesma ideia repetiu numa conversa com o vice-presidente da União Russa de Empreendedores, Yu. Sakhanov, que se encontrou com ela em abril de 1996:

«A Rússia é a mãe de todas as potências eslavas.

Aqueles que dela se afastaram regressarão numa nova forma. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que no fim de contas levarão ao crescimento da sua força e poder».

Sobre a grande missão espiritual da Rússia adivinharam muitos grandes ascetas espirituais, profetas e videntes de épocas anteriores.

Vivendo no século XIX, o destacado ativista social e mestre espiritual da Índia, Vivekananda, dizia que a Rússia se tornará o líder espiritual do mundo. No futuro, exatamente a ela está destinado guiar toda a humanidade para a perfeição espiritual. Mas o caminho indicar-lho-á a Índia!

O mestre de Vivekananda, o grande asceta e santo indiano Ramakrishna, pouco antes da sua morte, disse aos discípulos que na sua próxima vida nasceria exatamente na Rússia. Prevendo a grande missão espiritual destinada ao nosso país, Ramakrishna queria servir essa missão.

Sobre o futuro do nosso país, Vanga comunicou a V. Sidorov uma profecia muito interessante:

«Agora chamam-se União. Mas regressará a velha

Rússia e chamar-se-á como no tempo do santo Sérgio[1]. Todos reconhecerão a sua superioridade espiritual, e a América também.

Acontecerá isso daqui a 60 anos.

Antes disso, três países aproximar-se-ão: China,

Índia e Rússia», — dizia Vanga.

A primeira parte desta profecia já se cumpriu — a URSS desfez-se, regressou a antiga Rússia.

Esta predição V. Sidorov ouviu de Vanga em 1979.

Consequentemente, segundo as profecias de Vanga, o florescimento no nosso país deve ser (1979 + 60) aproximadamente em 2039—2040.

É interessante que o florescimento da Rússia, e praticamente na mesma época, prognosticava também o grande médico e cientista da Idade Média, Paracelso, que deixou ao mundo não só tratados médicos, filosóficos e de ciências naturais, mas também interessantes profecias sobre o futuro.

Quando «brilhará a luz divina da montanha dos hiperbóreos, e vê-la-ão todos os habitantes da Terra». Hiperbórea nos tempos de Paracelso os europeus chamavam à Rússia. Paracelso considerava que isso poderia acontecer 500 anos após a sua morte.

Paracelso morreu em 1541. 1541 + 500 anos = 2041.

Esperemos que estas profecias se cumpram!

[1] Fala-se do venerável Sérgio de Radonezh. — Nota do autor.